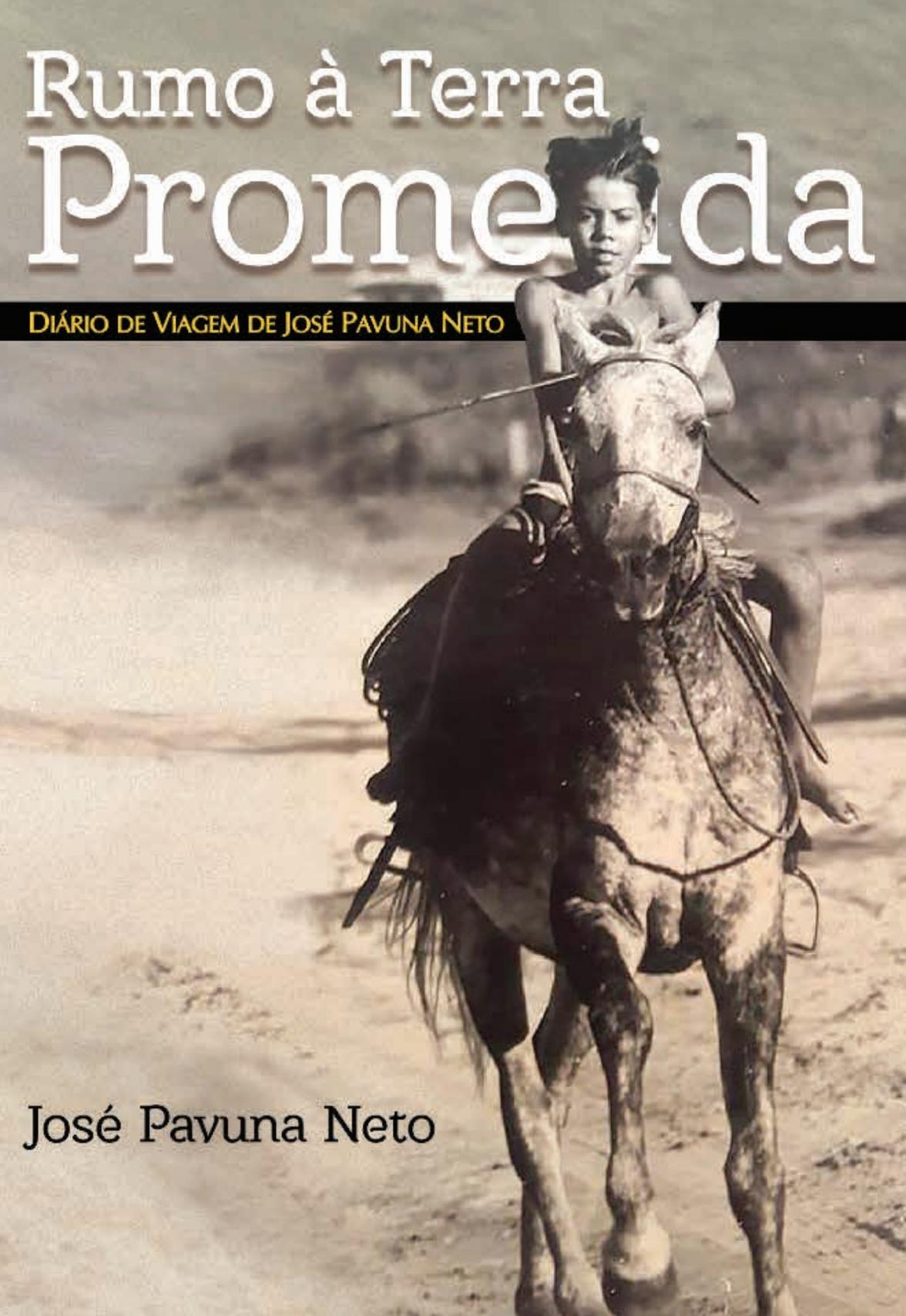


Rumo à Terra Prometida

DIÁRIO DE VIAGEM DE JOSÉ PAVUNA NETO

José Pavuna Neto



Ao Pe. Antônio Amort, que com sua energia e fé nos ensinou que a realidade mais dura e sofrida pode e deve ser modificada.

Pavuna

Todos os direitos reservados. Copyright © 2019 dos autores

Este livro foi editorado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais; Edital N°012/2015. VENDA PROIBIDA.

Pavuna Neto, José.

Rumo à terra prometida: diário de viagem de José Pavuna Neto / José Pavuna Neto ; organizadoras: Maria Terezinha Bretas Vilarino, Patrícia Falco Genovez. – Governador Valadares : Ed. Univale, 2019.

88 p. : il.

ISBN 978-85-89046-80-0

1. Reforma agrária – Minas Gerais. 2. Posse da terra – Minas Gerais. 3. Assentamentos humanos - Minas Gerais. 4. Movimentos sociais rurais - Minas Gerais. I. Vilarino, Maria Terezinha Bretas. II. Genovez, Patrícia Falco. III. Título.

CDD 333.318151

PROJETO GRÁFICO

Tuia Comunicação

tuiacomunicacao@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA

Raissa Aguiar Coelho Rodrigues

IMPRESSÃO

Gráfica Formato

SUMÁRIO

Prefácio	7
Introdução	12
O porque e como aconteceu?	17
Junho de 1993	29
Agosto de 1993	35
Setembro de 1993	39
Outubro de 1993	41
Novembro de 1993	46
Dezembro de 1993	53
Janeiro de 1994	53
Março de 1994	53
Maior de 1994	55
Junho de 1994	55
Agosto de 1994	63
Setembro de 1994	63
Outubro de 1994	65
Novembro de 1994	65
Dezembro de 1994	66
Janeiro de 1995	66
Fevereiro de 1995	66
Março de 1995	66
Abril de 1995	67
Maior de 1995	67
Junho de 1995	71
Julho de 1995	71
Agosto de 1995	72
Setembro de 1995	74
Novembro de 1995	76
Anexos	81

PREFÁCIO

Ivana Cristina Lovo*

As memórias do Pavuna, compartilhadas no seu diário, trazem exemplos de conceitos e direitos encarnados no cotidiano de lutas, desafios, contradições e conquistas, a partir de uma vida intensa, característica desse trabalhador, que foi também se transformando em camponês. Assim, escrevo este prefácio buscando enlaçar alguns desses direitos e conceitos, que entendo como fundamentais para avançar em direção a uma sociedade mais justa e digna. Escrevo, também, inspirada pela intensidade do Pavuna, a quem tive a oportunidade de conhecer em 1997 e desde então conviver e aprender junto.

Alimentação, moradia, trabalho, educação, saúde são Direitos Humanos individuais e coletivos, indissociáveis e interdependentes! Esses e outros direitos sociais conquistados na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em específico no Artigo 25º, estão igualmente contemplados na Constituição Federal do Brasil, no seu Artigo 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição”. Ser direito humano indissociável e interdependente significa contemplar as dimensões dos direitos individuais e coletivos, civis, políticos, econômicos, sociais e culturais, sem os quais a dignidade da pessoa humana não se realiza por completo. Entendendo Direitos Humanos como resultados de conquistas, a partir de processos de luta social.

Nas memórias do Pavuna a conquista da “Terra Prometida” inicia com a luta pelo Direito Humano à Alimentação Adequada. Vale destacar que esse direito está diretamente vinculado à Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) e Soberania Alimentar que, por sua vez, somente se

* Professora na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) - Faculdade Interdisciplinar em Humanidades - Diamantina (MG).

concretizam em condições de se promover agriculturas respeitando as diversidades da natureza, dos povos, suas culturas e seus territórios. Para tanto, faz-se necessário uma outra relação entre ser humano e natureza, que não seja pautada no consumo excessivo e no acúmulo de riquezas. Condições essas que aportam para as agriculturas que são praticadas com base em princípios ecológicos, agriculturas pautas na agroecologia.

Alimento e agroecologia se entrelaçam nos conceitos de Soberania Alimentar e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN). No Brasil, o conceito de segurança alimentar e nutricional e agroecologia vem sendo elaborados e aprofundados desde o final dos anos de 1980, período de abertura política e de nascimento e efervescência de novos movimentos sociais. Uma das conquistas das lutas cotidianas dos movimentos sociais é o aprofundamento conceitual. Nesse sentido o conceito de SAN, assegurado na Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (LOSAN), Lei 11.346 de 15/09/2006, é exemplo de conceitos e direitos entrelaçados, como a definição do Artigo 3º da LOSAN:

“A Segurança Alimentar e Nutricional consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”.

Relacionado ao Direito humano à alimentação adequada, inerente a todas as pessoas, está o Direito à Soberania Alimentar, que é o direito de cada nação, e dos povos, em definir suas próprias políticas e estratégias para garantir a Segurança Alimentar e Nutricional, incluindo a preservação de práticas alimentares tradicionais e o respeito à diversidade cultural dos povos. A evolução dos entendimentos e conceitos reflete as conquistas sociais e políticas de determinadas épocas. As memórias compartilhadas pelo Pavuna mostram como os anos de 1990 marcaram uma época de conquistas conceituais, talhadas no diálogo entre as ciências e os desafios dos trabalhadores organizados em seus respectivos movimentos sociais.

Garantir o direito humano a alimentação em quantidade e qualidade adequadas passa por romper cercas, fazer reforma agrária, democratizar o acesso à terra, à água, à (agro)biodiversidade, educação e cultura. A violação de direitos faz parte da história do Vale do Rio Doce, como registrou, entre outros autores, Carlos Olavo da Cunha Ribeiro:

Mudam os tempos, variam os personagens, mas a constante é a luta pela terra, feroz e cruenta, pontilhando de vítimas os rincões do Rio Doce... E o lavrador despejado, das duas uma: acorre às cidades como favelado ou resigna-se à “meia” ou à “terça”, colônio nos espaços livres da lavoura, formando pastos para os “orelhudos” do fazendeiro. (RIBEIRO, 1988, pg. 83-84).

Podemos perceber com a leitura deste livro que a superação dessas realidades também está registrada na história do Vale, como em tantas outras mundo afora.

Não muito diferente de outros territórios e épocas, como já a muito denunciado, a invenção da cerca, e os cercamentos que se sucederam, materializaram a ideia de propriedade. Como consequência, os cercamentos transformaram inicialmente a terra, o alimento produzido nela, e a força de trabalho humano para produzir seu alimento em mercadoria. Está em curso desde então a propriedade privada e a mercantilização da natureza e da cultura, incluindo em ambos o trabalho humano. Como consequência o que se observa é desigualdades e a perda da autonomia de homens e mulheres, com destaque aos camponeses, para garantir suas condições de liberdade na vida.

As memórias do Pavuna exemplificam que a luta pela liberdade em acessar alimentos, agravada pela escravidão associada à dívida, foi reveladora das contradições sociais cotidianas para um grupo de trabalhadores. Nessa história a contradição entre as classes, na dimensão da exploração de trabalhadores, desabrochou a força e a coragem para lutar. A luta iniciada agregou o direito por sonhar, conduzindo a concretizar o sonho compartilhado, deixando como registro a conquista da “Terra Prometida” com reforma agrária. A criação dos Assentamentos Cachoeirinha e Primeiro de Junho em Tumiritinga/MG escreve um capítulo da história da reforma agrária no Vale Rio Doce.

As memórias desse agricultor e camponês revelam sua coragem também em explicitar contradições que vivenciamos nos processos de construir um mundo mais justo, digno e saudável. Saudável e sustentável nas dimensões social, ecológica, econômica, cultural, política e ética. Explicitar e denunciar contradições, conflitos, violências físicas e simbólicas, é o caminho para revelar injustiças, fraquezas e nossos limites no âmbito da moral e da ética, tanto na escala da sociedade civil, como no nível dos indivíduos e dos coletivos formados pela unidade dos movimentos que nos agregam. Não se intimidar em explicitar contradições deixa o indi-

cativo de estar disponível para dialogar e aprender coletivamente, de se colocar como caminhante no processo de construir uma sociedade mais justa, considerando sua multidimensionalidade indicada anteriormente.

Dialogar sobre as diferenças de interesses e de entendimentos indica a disponibilidade de viver com, conviver com a diversidade, de se envolver e participar de espaços de negociações e disputas, entendendo os conflitos como oportunidades de transformações dos indivíduos e da sociedade. Alcançar a sustentabilidade é enfrentar desafios de transpassar perspectivas teóricas e aproximar o discurso dos elementos práticos da vida cotidiana, e vice versa. Dialogar e aprender no coletivo, no fazer junto, é um dos sinalizadores do caminho para construir a agroecologia, dado pelo entrelaço entre a prática, a ciência e a luta pautada pelos movimentos sociais do campo popular, que sempre estão presentes! Na conquista da justiça e da vida digna.

Nos relatos do Pavuna é possível encontrar também pistas que nos permitem acompanhar o amadurecimento da agroecologia no Vale do Rio Doce, com destaque para particularidades dos processos de transição agroecológica, específicos para cada local e realidade. Entendendo essa transição não apenas como um processo de incorporar inovações tecnológicas, mas sim um processo gradual de mudanças nas práticas e relações de base social, ecológica, econômicas e culturais que envolvem o manejo de agroecossistemas e a transformação das bases produtivas e das relações sociais, incluindo processos individuais e coletivos dos quais camponeses(as) buscam manter ou retomar o controle e a capacidade de gestão sobre os recursos naturais e as relações sociais, fortalecendo a agroecologia e uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido a experiência relatada sobre a conquista da terra nos deixa pistas do início de uma caminhada para tecer uma agricultura camponesa e agroecológica no Assentamento Cachoeirinha, destaco como exemplo as passagens:

“...visto que todas as pequenas propriedades não tinham nada de tecnologia, ou orientação técnica pra produzir”.

“...Éramos 33 famílias fundadoras dessa 1ª organização... Então elegemos a primeira diretoria do sindicato de Tumiritinga, em março de 1993”.

“Neste momento a minha companheira já trabalhava na loja da Associação e com o salário que ganhava era com que a gente comia”.

“...fizéssemos uma ‘Romaria da terra’ aqui... reforma agrária era uma frase proibida no vale Rio Doce. Todos os pobres queriam, mas tinham medo de fazer...”.

“Neste momento minha esposa vem até mim e fala: - Coragem, vamos fazer um mocotó e comer uma carne cozida prá gente poder pensar melhor...”.

“As construções eram feitas em mutirão, alguns pedreiros e muitos ajudantes... Até hoje muito serviço comunitário acontece”.

“...ainda tinha a roça em mutirão comunitário que foi plantada 20 sacolas de milho, além de batata, mandioca, alguns pés de banana, algumas covas de cana; tudo prá fazer semente pro ano seguinte. Era uma festa”.

Agrego ainda uma frase do Pavuna, expressa em junho de 2019, no meio da sua roça Milho Caiano, que é uma semente crioula de milho resgatada no Vale do Rio Doce nos anos 1990, disse ele: “depois que o Caiano entrou aqui, trazido pelo Edson, nunca mais saiu. Todo ano temos a roça e colhemos a semente do ano seguinte”.

As complexidades dos processos de transição agroecológica, pautadas na efervescência das especificidades locais, tão imprescindíveis e ricas ao modo agroecológico de se postar na vida, vão para além dos aspectos técnicos de como se fazer agriculturas. Com este livro temos exemplos de sensibilidade, flexibilidade e persistência necessárias para construir a agroecologia, que envolve reconhecer e lidar, na dimensão da vida cotidiana, com as diferenças nas relações de poder, considerando as hierarquias entre humano e natureza e, também, entre os próprios humanos, considerando as diferenças entre gerações, os gêneros, as religiões, as culturas e etnias, entre outros aspectos que revelam a interdependência entre o social e o ecológico.

Por fim, compartilho a lembrança e homenagem que o Pavuna proporciona aos seus compadres Edson Soares (Repolho ou Dum Dum) e Joaquim Nicolau que, no mundo dos desencarnados, também estão celebrando as memórias da “Terra Prometida” que ajudaram a conquistar.

INTRODUÇÃO

Maria Terezinha Bretas Vilarino*

Numa entrevista a pesquisadores brasileiros** o historiador italiano Alessandro Portelli afirmava que de certa forma todos somos historiadores, porque todos temos “uma visão da história, uma interpretação”. Em suas palavras: “Todos dão um sentido ao passado, todos têm uma relação entre o presente em que narram ou relatam e o passado de que falam”. Nesse sentido é importante lembrar as forças envolvidas numa proposta de registro de memórias, em que “o presente e o passado, o entrevistado e o entrevistador, o “eu” enunciador e o “eu” enunciado e todas essas relações estão sempre em movimento, o tempo todo” (Portelli, A., 2014, pag. 205)***.

Pensando nisso é que me inspiro para a apresentação desse diário de viagem de José Pavuna Neto. Não é uma tarefa fácil nem desprovida de compromisso com a história da luta pela terra no vale do Rio Doce/MG e com seus sujeitos.

No caso desse diário que não deixará de se constituir numa fonte para a história, o enunciador é o próprio Pavuna, que através de sua memória, registrada por escrito, em dois tempos, traz sua visão e interpretação sobre a luta pela terra no vale do Rio Doce, materializada na ocupação da Fazenda Califórnia, no município de Tumiritinga/MG, no início dos anos de 1990. Em alguns momentos da sua narrativa Pavuna fala de si mesmo, como se observasse seus próprios movimentos, como se se surpreendesse com o que via acontecer consigo e com a luta em que estava envolvido. O “eu enunciador” e o “eu enunciado” se miram através da memória e da história. Valho-me desses comentários para dizer dos dois tempos da escrita desse diário.

Uma parte desse diário de viagem foi escrita entre 1º de junho de 1993 e 07 de novembro de 1995. Nesse período ocorreu a ocupa-

* Professora na Universidade Vale do Rio Doce. Sócia do Centro Agroecológico Tamanduá.

** ALMEIDA, P. R. DE; KOURY, Y. A. História Oral e Memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. Revista História & Perspectivas, v. 27, n. 50, 27 ago. 2014.

*** A entrevista foi realizada em 2002, mas somente publicada em 2014.

ção da Fazenda Califórnia e o processo de negociação com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) para a liberação da mesma para a Reforma agrária e a consequente divisão da terra entre os ocupantes. Nesse tempo de tensões e constrangimentos, mas também de apoios fraternos e solidários, é que o Pavuna escreveu o que chamamos de “diário”.

São relatos curtos, como se fossem escritos na dobra do tempo, entre um medo e outro, entre uma esperança e outra; entre frestas nas tarefas que não podiam ser adiadas. E no calor do acontecido. O sentido dessa narrativa, embora breve, seria talvez a consciência da necessidade de se guardar a memória de dias tão definidores do futuro do próprio Pavuna e daquela comunidade.

O diário original foi escrito num caderno comum, espiral, que infelizmente se perdeu quando foi entregue para alguém que prometeu publicação (e que nunca voltou para devolvê-lo). Por sorte, o autor e sua companheira Aparecida, resolveram tirar uma cópia, antes de entregá-lo ao pesquisador inescrupuloso. Sabíamos, a professora Ivana C. Lovo**** e eu, e muitos amigos do Pavuna, da existência desses escritos e tentamos publicá-lo certa vez, mas sem sucesso e recursos. Felizmente ele ficou guardado e preservado do esquecimento.

No ano de 2013, o Pavuna foi vítima de uma agressão que por pouco não lhe tirou a vida. Nesse dia perdeu dois dedos da mão esquerda, fato que impediu que durante algum tempo pudesse se dedicar às suas atividades da lida com a terra, agora já regularizada pelo INCRA. Durante o tempo que precisou para se restabelecer Pavuna resolveu escrever, retomar o diário, rever suas memórias. Nesse movimento nasceu o ‘caderno’, como o chamamos, no mesmo formato do primeiro, caderno comum em espiral. Este pormenor que pode parecer insignificante estabelece uma ligação entre os dois tempos da escrita das memórias aqui registradas. Ao revisitar seu primeiro diário Pavuna constrói uma nova narrativa, acrescentando detalhes, nuances não registradas anteriormente, talvez pela urgência do registro e pelo sobressalto da primeira escrita.

De acordo com Portelli (2014, pag 202) “o marco das memórias possíveis é, ao mesmo tempo, infinito, pois não há um limite para o que as pessoas possam pensar ou recordar e, também, finito, pois há um limite que está fundado sobre um acontecimento muito específico”. Des-

**** A professora Ivana Cristina Lovo, à época era técnica do Centro Agroecológico Tamanduá.

ta forma, acredito que esse segundo diário, ou caderno, expressa um reencontro do Pavuna com “um acontecimento, um lugar”, um passado recente e uma expectativa de futuro, em que o desejo da ‘terra prometida’ se cumpre. Refiro-me aqui à terra prometida porque essa expressão comparece muitas vezes no diário e no caderno. Expressão bíblica que diz sobre a filiação cristã dos envolvidos, e sobre sua esperança em ocupar a terra e nela produzir.

A oportunidade de publicação do diário, a partir de projeto de pesquisa sobre a luta pela terra no vale do rio Doce*, nos desafiou a juntar os cadernos e as memórias do autor, José Pavuna. Muitas conversas, entrevistas, cafés, almoços da Aparecida, foram necessários para definirmos, Pavuna e eu, um caminho. A junção dos acontecimentos, e dos sentidos, foi dada pelo Pavuna. Meu papel foi de compiladora (ou organizadora) preocupada em não interferir na história oferecida pelo olhar do outro. No esforço de junção dos dois textos para esta publicação optamos por deixar os escritos do ‘diário’ datados e em itálico e os do ‘caderno’ em diagramação tradicional. Dessa forma acompanhamos os acontecimentos vividos e revisitados pelo Pavuna. A fotos que ilustram essa publicação foram feitas pelo Pavuna, pelo Padre Antônio Amort e outros amigos do autor. Elas mostram cenas do cotidiano dos moradores do Cachoeitinha à época da ocupação da Fazenda Califórnia e organização formal do Assentamento junto ao INCRA.

Ao iniciarmos a junção dos dois textos e dos tempos, Pavuna me solicitou que fizesse a pontuação e a revisão gramatical. No início considerei desnecessário, mas a argumentação do dono da memória (e daquela história) me convenceu: disse crer que o texto “deve estar escrito de forma clara, para não haver mal entendimento”. Dessa forma, pontuei e fiz as correções que a gramática pedia. Importante seria preservar a essência, o sentido, que a escrita original oferecia. Pavuna ficou satisfeito com o resultado e isso já me tranquiliza. Sou profundamente grata ao Pavuna e à Aparecida por me confiar sua história e seus registros.

* Projeto (O Vale do Rio Doce: a História dos movimentos sociais de luta pela terra), financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). O Edital 12/2015 - Memórias brasileiras: conflitos sociais - apoiou financeiramente projetos para “resgatar e registrar memórias não contadas do Brasil”. Nesse sentido a história da luta pela terra, no vale do rio Doce, compõe parte destas memórias. O projeto foi avaliado pelo CEP- Comitê de Ética em Pesquisa, e obteve dois pareceres favoráveis à sua execução. Na Fundação Percival Farquhar/ FPF/UNIVALE, recebeu o Parecer de aprovação Nº.2.437.660. No Comitê do Centro de Pesquisas René Rachou/Fundação Oswaldo Cruz/ CPqRR/ (instituição coparticipante) o parecer de aprovação de número 3.144.212.

Aqui é necessário também agradecer a muitas pessoas que contribuíram para a consolidação dessa publicação. Inicialmente honramos a memória da professora Dr^a Maria Cecília Pinto Diniz, que submeteu o projeto de pesquisa sobre a luta pela terra no vale do Rio Doce a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), retomando no projeto de pesquisa maior, o desejo dessa publicação. Agradecemos aos bolsistas de pesquisa na Univale, em especial Myrelle Christino Marzochi, Isabella Lopes Bomfim, Rhaylton Heringer Teixeira, Dênis Boaventura da Silva, Arthur Minelli Araújo Gomes e Wemerson dos Santos Ferreira que, ou estiveram em Cachoeirinha, ou fizeram a digitação e revisão dos apontamentos originais. Também agradecemos a Michelle Nunes Morais, historiadora pós-doutoranda na Univale, pela ajuda com a revisão do texto e pelo entusiasmo com a publicação; e à prof^a Dr^a Patrícia Falco Genovez que também participa do projeto. Fazemos agradecimento especial ao CAT – Centro Agroecológico Tamanduá, que nos favoreceu idas e vindas a Cachoeirinha e a outros assentamentos. E à prof^a Dr^a Ivana Cristina Lovo que prefacia este diário.

Faz pouco tempo recebi a foto que ilustra a capa desse diário. É o Pavuna menino campeando as terras da fazenda Califórnia e as margens do rio Doce, onde passou sua infância e parte da adolescência. Seu pai trabalhava nestas terras como meeiro do dono da fazenda. Com o tempo e as circunstâncias que levaram sua família a deixar o trabalho na terra Pavuna teve que viver outras experiências e lugares. O retorno a Tumiritinga muitos anos depois, e o envolvimento na luta pela reforma agrária o levaram novamente ao lugar da infância. Pavuna costuma dizer que a história do Cachoeirinha é como o “Êxodo” às avessas.

Essa história também marca retornos de outros militantes, filhos de trabalhadores rurais, mulheres e homens; muitos expulsos violentamente de suas terras, em passado nem tão remoto. Conhecemos histórias parecidas no assentamento Formosa Urupuca, e certamente as ouviremos em outros.

Enfim trazemos a público esse diário e essa história contada por quem a viveu. Dois tempos nele estão ligados e uma memória revisitada. Certamente que o vivido entre 1993 e 1995 pelo Pavuna e pela comunidade, revivido 20 anos depois através da lembrança, ganha uma dimensão nova, transformando-se num lugar de reflexão e de celebração para o autor. Mas também se torna um lugar de pesquisa e de conhecimento. Acima de tudo se torna um movimento de resistência e de ânimo para fa-

zer valer no Assentamento Cachoeirinha e em tantos outros assentamentos e acampamentos pela reforma agrária no vale do Rio Doce e no Brasil aquela máxima cantada: “põe a semente na terra, não será em vão” ...



O PORQUÊ E COMO ACONTECEU?

Tumiritinga hoje tem mais de 550 agricultores familiares, mas antes de 1993 não era tanta gente assim. Quando voltamos do Espírito Santo para morar em Tumiritinga novamente era no ano de 1991. Então aqui não tinha tantos agricultores assim, era um pouco menos de 180, talvez uns 140, não sei ao certo. Mas então começamos a ver e sentir como era difícil sobreviver aqui. Não tinha leite para comprar para nossas crianças; frutas e verduras quase não existiam; só tinha boi branco para corte; agricultura sobrevivia na região através de meeiros com roças anuais. Não tinha produção contínua, só agricultura sazonal como milho, arroz, feijão, mandioca, batata, abóbora. Muito pouca coisa se produzia para vender, o mais era para sobrevivência, visto que todas as pequenas propriedades não tinham nada de tecnologia, ou orientação técnica para produzir. Tumiritinga era cercada pela fazenda Califórnia e banhada pelo Rio Doce pelos fundos. Aqui quem tinha um emprego que lhe garantisse um salário mínimo ao mês estava bem empregado.

Esta era a nossa realidade, a situação financeira da população era muito ruim. Através da igreja começamos a pensar e sonhar se era possível mudar esta realidade. Tínhamos uma pessoa que para nós era toda

fonte de esperança; seu serviço conquistou e motivou a outros a acreditar que a realidade mais dura e sofrida pode e deve ser mudada. Em qualquer lugar onde há fé, esperança e trabalho a transformação acontece. Tumiritinga teve um santo homem que através da fé e da coragem mudou a história deste povo sofrido aqui da nossa região. O meu amigo Pe. Antônio Amort. Sua vida aqui conosco foi a energia e força que mudou a história da minha vida para sempre. Obrigado por ter motivado eu e a tantos outros a ser diferente e sonhar, mas nunca deixar de olhar ao seu redor, a sua comunidade, suas raízes.

Sendo assim a grande pergunta: o que poderíamos fazer? Para ser algo concreto e diferente daquela realidade?

No momento daquela situação aconteceu uma chuva de ideias, então como colocá-las em prática e quando? Até ali não tínhamos nada concreto. Isto era em 1992, no começo do ano 1992. Muita chuva, estrada péssima, não tinha jeito de sair ou chegar até Tumiritinga; então só pensar e sonhar. O comércio local era um absurdo, aquilo que se comprava em Valadares por exemplo, aqui era mais de 60% sobre o mesmo produto. Alegavam uma infinidade de aumento. Estrada, impostos, juros; e a verdade era que as famílias de baixa renda e assalariados estavam em maus lençóis. A situação era a seguinte, pagava a metade do que gastava em um mês e ficava devendo o dobro pro mês seguinte, principalmente os aposentados e pensionistas da cidade. Eu tinha uma pequena fábrica de gaiola e garantia a minha sobrevivência cumprindo um contrato com uma loja em Vitória - ES, de produzir e entregar 120 gaiolas por mês. Era uma boa renda, já que cada gaiola custava em média 4 dólares; por ter uma inflação alta a moeda do meu comércio era dólar. Então como mudar a situação da grande maioria de Tumiritinga?

Pensando que a cesta básica era um absurdo naquele momento, a alternativa era juntar as famílias e fazer compra coletiva. Com o apoio do Pe. Antônio passamos a convidar na paróquia e nos grupos de reflexão para uma primeira reunião com a comunidade. Isso era no início do mês de janeiro de 1992. Sentamos e conversamos na possibilidade de poder comprar juntos alimentos e material de limpeza prá ter opção de melhor preço. Então apareceu aqui em Tumiritinga CAT, velho conhecido do Pe. Antônio, que conta para equipe técnica da nossa pretensão e iniciativa: a ideia era melhorar o poder de compra dos 'pequenos', assim chamados pelo meu amigo Pe. Antônio.

O CAT naquele momento era o Centro de Assistência Técnica, que veio até aqui através do engenheiro agrônomo Edson José Soares, e vê a nossa vontade e principalmente o empenho do Pe. Antônio e meu em fazer dar certo essa compra coletiva.

O CAT nos propõe uma visita a Capitão Andrade para conhecer uma experiência já funcionando, que era o 'Conselho de produtores' de lá com uma máquina de limpar arroz e também armazém e caminhão; este último doado pelo projeto da comunidade de Pe Antônio, na Áustria, região do Tirol.

Fomos visitar e ficamos mais motivados a fazer algo parecido aqui em Tumiritinga. Na próxima reunião já tínhamos encomendas de produtos para algumas famílias de Tumiritinga, pois o preço era muito atrativo; as vezes menos que a metade do preço local, isso só já era uma alternativa muito boa. Então, eu e mais alguns outros; Renato, Erly, Chico Rola, Nestim, Dona Penha, D. Maria Braz, Nádio, Raimundo Pedreiro, Zé Luquinha, D. Maria Bertuano, Eva, Onofre Augusto, Neuza Orozino, Tião da Nalia, Sr. Joacy e muitos outros fizemos a primeira compra.

Tinha alguns problemas, como por exemplo, as pessoas faziam as listas de compra em itens: 5k Açúcar, 5k arroz, 5k feijão, 3 latas de óleo, 1 k fubá, 1k p. café, 2k macarrão e assim por diante, mas o atacado não recebia assim. Então, eu na minha casa, juntava todos os pedidos e colocava em lotes maiores, para se ter uma ideia do tamanho da compra; as vezes lotava um caminhão grande 8 até 12 toneladas. Então eu juntava as listas e as colocava em sacos, caixas e fardos para serem depois divididas pro consumidor final. Algumas vezes passava a tarde e a noite para organizar os pedidos para serem comprados no dia seguinte e serem entregues no outro dia pela manhã.

Isso comprava lá em Belo Horizonte em parceria com o 'Conselho' de Capitão Andrade. Eles levavam quiabo, jiló, milho verde e outros produtos e para voltar traziam nossa encomenda que muitas vezes passava de 10 mil reais. Quase todas as compras que fazíamos eram antes listadas pelas pessoas de baixa renda ou aposentados de Tumiritinga ou trabalhadores braçais do município; isso durou uns 90 dias, período em que o CAT nos assessorando, ajudou muito a fundar a primeira organização de Tumiritinga, "Associação em defesa dos pequenos em mutirão de Tumiritinga". Parece coincidência, mas éramos 33 famílias fundadoras desta 1ª organização, também a primeira organização que ajudei a criar e fui o

primeiro presidente dela, isso em 1992 (Abril, 29). Então o comércio local começou a me perseguir, a fazer fofoca sobre a minha pessoa, que eu estava fazendo uma revolução com o povo pequeno de Tumiritinga.



Reunião da associação em defesa dos pequenos em mutirão (ADPM) 1992 - "Igrejinha."



Compra coletiva ADPM 1992 - Igrejinha.



Mutirão área comunitária as margens do Capivara (1992). Primeira horta comunitária da cidade.



Primeira irrigação ADPM - 1992.



Mutirão ADPM - 1992.

Primeiro plantio de feijão ADPM - Área comunitária.



E fizemos mesmo, colocamos autonomia para aquelas pessoas que não conseguiam mandar no seu salário, pois o comércio local as massacrava e as roubava nos preços praticados por eles, eram muito abusivos. Nascemos e fizemos acontecer aqui isto: era a vez dos pequenos. Em mutirão fizemos um projeto para prefeitura, que vinha ao encontro com o anseio do povo e ao mesmo tempo trazia a esperança e certeza que estávamos fazendo a coisa certa, com a realização do sonho de poder plantar e colher. Através de um contrato de sessão de uso com a prefei-

tura, de uma área de 6 hectares e um armazém abandonado na avenida Getúlio Vargas – 847, onde funcionava a sede da associação e sua loja que neste momento vendia 01 caminhão de produtos por semana, noventa bujões de gás e 1 vaca e 2 porcos por semana. Tínhamos também uma horta comunitária onde em mutirão plantávamos e colhíamos os próprios frutos. Colocamos o primeiro conjunto de irrigação para poder plantar aqui, pois naquele tempo só a prefeitura que contava com esse equipamento, irrigando uma área de 12 hectares na baixa, ao lado da prainha; onde se plantava feijão, arroz e milho. Aquilo era o sonho de todos os agricultores da nossa cidade. Então tínhamos conquistado um terreno menor, mas também tínhamos como plantar o ano todo graças ao recurso doado pelo amigo e companheiro Pe Antônio. Tínhamos irrigação, produzíamos feijão, quiabo, abóbora e hortaliças de folha; era o máximo, estava realizando um sonho.

Então a grande pergunta que não consegue mais ser evitada: cadê a reforma agrária? Para realmente todos poderem plantar e colher os produtos do seu trabalho?

Em 92 não tínhamos STR aqui; ele estava totalmente acabado. Existia sim o processo sindical, pois ele já tinha existido e morrido. Aí a necessidade de rearticular o mesmo. Mais uma vez a associação entra em luta através de sua diretoria e parceiros: CAT e Pe. Antônio. Fomos atrás da FETAEMG* em Governador Valadares. Quem representava era João Calazans e começamos o processo de retomada do sindicato; e começa aí a luta pela entidade de classe do nosso município. Então elegemos a primeira diretoria do sindicato de Tumiritinga em março de 1993. Como a sede da associação era grande combinamos que também seria a sede do STR no mesmo local. Com o STR já implantado então os sonhos também foram renovados, pois os arquivos do STR que resgatamos tinham uma lista de mais de 60 agricultores que antes eram meeiros na fazenda Califórnia.

Naquele momento a atual administração fazia de modo ‘explorativo’ as parcerias com os agricultores, pois os mesmos antes de plantar o milho, única roça que poderiam fazer, tinham que semear a semente de braquiária; para depois poderem plantar o milho e ainda nem poderia capinar o que produzissem em competição com o capim; e era dividido 50% com o proprietário. Com esse tipo de exploração eles estavam for-

* FETAEMG - Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais

mando a fazenda, com pouco custo, pois os agricultores não tinham outra opção de plantio, eram obrigados a fazer isso para continuar na atividade.

Ora, antes em parceria com o antigo dono, o Sr. José Paleta Siqueira, a forma de plantar era bem diferente. Ele arava as terras e dava a semente; se o agricultor tivesse condição de comprar outra semente podia; o milho, o Paleta dava. Se o agricultor tivesse e quisesse plantar feijão consorciado com o milho o Paleta só daria a metade do milho, pois o feijão era só do agricultor. Se fosse semente de arroz e o agricultor colocasse alguma fileira de milho o Paleta só daria a meia do arroz. O milho era só do agricultor, além é claro do mesmo agricultor poder dar os tratos como capinar e poder cuidar da roça; pois a mesma seria roça novamente e não pasto como o novo proprietário queria e fazia.

Isso, a situação no início dos anos 1990, era uma sensação muito ruim, pois a fazenda, em 1989, tinha sido decretada para reforma agrária pelo então presidente da república José Sarney, mas o processo desapropriação estava nas gavetas do governo e o povo nada podia fazer já que a população local não tinha quem a defendia; aí o grande desafio das novas lideranças que tinham acabado de construir uma associação de consumidores, única no vale e também do Sindicato. Era um momento de muita ansiedade e esperança. Começava ali uma das batalhas mais fortes que tivemos em Tumiritinga e região, já que o vale do Rio Doce era o berço da UDR (União Democrática Ruralista), um vale de

Visita ao acampamento Ponto da Marambaia. Novo Cruzeiro - Jequitinhonha



latifundiários que não só explorava a terra; mas ainda escravizava os agricultores com sua forma de trabalhar com a situação de miséria que vivia o povo do vale rio Doce.

Pesquisa mostra que segundo o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) que o vale rio doce era 2º mais pobre do estado perdendo para o vale do Jequitinhonha e Mucuri. O povo precisava da terra para mudar esta realidade e garantir condições de vida para suas famílias. Com este pensamento, então começou uma grande luta. Como fazer Reforma agrária em Tumiritinga, na fazenda Califórnia? Com quem fazer? E mais, quando? Eram perguntas que não tinham respostas. Por mais que discutíamos ainda assim não sabíamos como fazer. Como o nosso amigo Pe. Antônio fazia parte da CPT (Comissão Pastoral da Terra) e já fazia parte desta Pastoral buscamos aí uma alternativa para o nosso projeto. Começava também minha peregrinação para várias e várias reuniões e assembléias tanto regionais, estaduais e nacionais; em que eu estava quase que em todas, querendo com isso buscar uma resposta para Tumiritinga.

O sonho era tão grande que eu não me conformava em ficar de braços cruzados, fui à luta largando assim minha pequena oficina, e começando a viver para isso.

Ponto da Marambaia (Novo Cruzeiro)





Visita ao acampamento. Ponto de Marambaia (Novo Cruzeiro)

Neste momento a minha companheira já trabalhava na loja da Associação e com o salário que ganhava era com que a gente comia; ela me assessorava em tudo, às vezes eu pensava em parar e dedicar mais a minha oficina para poder ganhar dinheiro. Ela me encorajava a continuar, pois eu tinha começado e não podia mais parar, tinha que ver no que ia dar. Com esta ideia de organizar uma luta mais prática, eu, Pe. Antônio, Ery e Ênio, fomos visitar um assentamento lá no Mucuri, Assentamento Aruega; e também o acampamento dos excedentes de Aruega, no ponto da Marambaia em Mucuri. Depois desta visita nós tínhamos a necessidade de juntar forças para ocupar a fazenda Califórnia aqui em Tumitinga; com esta ideia em mente voltamos para casa com a pretensão de fazer algo rápido, mas como?

Este tipo de ação a gente nunca tinha feito e nem mesmo participado. Dentro do carro, na volta, o Pe. Antônio sugeriu que fizéssemos uma 'Romaria da terra' aqui como forma de denunciar as injustiças e também sensibilizar o povo para esta luta, pois a reforma agrária era uma frase proibida no vale do Rio Doce. Todos os pobres queriam, mas tinham medo de fazer, nós não tínhamos formação para isso.

Então no mês de maio 1993 o MST mandou para lá algumas lideranças para fazer o que eles chamam de reconhecimento de área, estudando as possibilidades de uma ação concreta no sentido de ocupar a fazenda. Para isso, nós, o povo de Tumiritinga, também seria preparado. Fizemos várias reuniões no mês de maio; então falaram para mim que iríamos ocupar no dia 1º junho de noventa e três (1993). Com isso, eu fiquei com a missão de avisar os meus companheiros a ação. Então o nosso grupo era só esperança, alguns com medo, outros com menos medo, mas acreditando que tínhamos que fazer esta ação; já que Reforma Agrária não sai sem luta, vamos lutar. Neste tempo eu também tinha falado pro Pe. Antônio e ele disse: “Meu filho o povo de Deus também teve seus medos, mas Deus estava com eles. Acreditem, ninguém está mais protegido que vocês não, e que Deus nos abençoe”.



Acampamento Novo Cruzeiro (Jequitinhonha)

Meu filho o povo de Deus também
teve os seus medos mas Deus estava
com eles e acreditam ninguém esta mais
protegido do que vocês são. e que Deus
desasincioe era pela 3 horas da
madrugada quando os Onibus
começaram a chegar na primeira com
as famílias excedente da Aruega e
Corchoy das Robse em taipé as nossa
família também a pareceram um
grande numero. eramos umas
60 famílias ou representantes delas
e os que tinha chegado ~~uma~~ ora
300 famílias alguma também ficaram
pra dar apoio ao movimento isso
ate as 6 horas da manhã pois as 8 horas
a policia militar ja estava no local
dando Batida em todos os que passava
mas a ~~aditava~~ que passava com force
e faca des estava pegando as nossa
ferramenta tinha que passa por outro
Caminho. Acompanando de Judo Novo
agora era um desafio real pois por
nunca estivamos em um acampamento
pro nos agricultores de Tumiritinga era
um imprevisto pois a gente não sabia o
que fazer e como fazer pois era tanta
demanda de material, ferramenta e coordina
ção que ficavamos quase paradas pois

Original do caderno do Pavuna.

01 DE JUNHO DE 93

Tumiritinga, Minas Gerais

José Pavuna Neto, presidente Associação em Defesa dos Pequenos em Mutirão (ADPM). Assumimos uma luta pelas famílias trabalhadoras rurais dessa cidade; aqui quero relatar um pouco de toda essa luta que faremos eu e todos os meus companheiros. Todos nós contamos com o apoio e força do amigo e irmão Pe. Antônio Amort que está presente em todos os momentos de dificuldade e desespero dessa luta. Pela terra, luta pela vida em busca de uma reforma agrária justa, fraterna e abrangente. Somos então mais de 150 famílias ocupando a fazenda Califórnia; fazenda que se encontra desapropriada desde junho de 1988, sendo ocupada por um especulador latifundiário, o senhor João Peixoto de Melo, dono de mais 4 fazendas no Vale do Rio Doce. Que comprou aqui uma briga com o povo e com o INCRA, pois quando comprou a fazenda já estava desapropriada para fins de reforma agrária. Então, nós, no dia 1º de junho de 1993, as 04 horas da madrugada ocupamos estas terras.

01 DE JUNHO DE 93

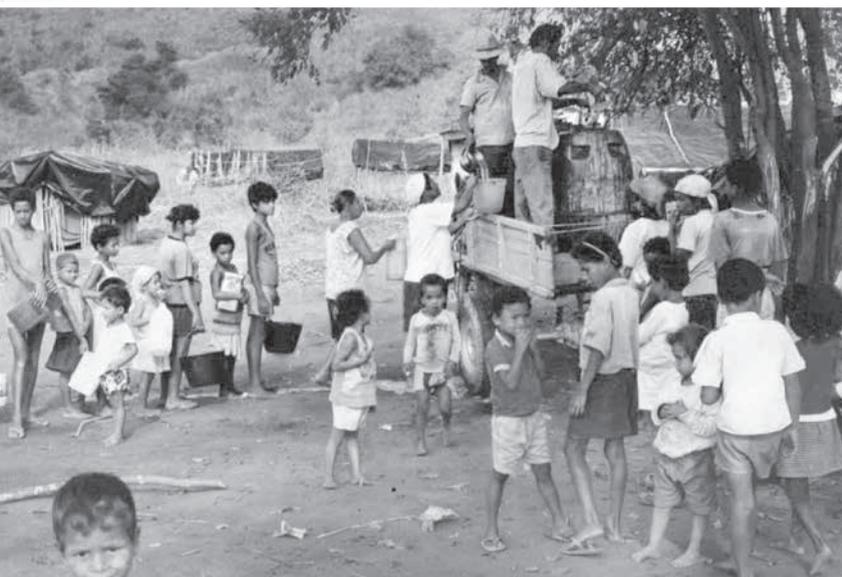
Reforma Agrária

Dia histórico para o povo de Tumiritinga. Mas de 150 famílias ocupam a fazenda Califórnia. Só de Tumiritinga eram 66 famílias. Tivemos o apoio de toda a população de nossa cidade, junto com todas as entidades, principalmente a "Associação em defesa dos pequenos em mutirão" (ADPM). Tempo de desafio principalmente por parte da elite de Tumiritinga, sem contar com os militares e o Sr. Djorge, gerente da então fazenda; este queria me ver só o esqueleto.

Tudo se deu num clima de tensão. Fomos ao fórum no dia 5 de junho numa audiência com o juiz da comarca; só que nós ganhamos a batalha na justiça, pois o fórum local não podia julgar, pois era de competência federal; teria que ser julgada em B.H. Pedimos apoio ao ministro Álvaro Augusto e tivemos resposta positiva. Voltamos ao acampamento cheios de alegria, pois tínhamos a esperança de que não seríamos despejados como tal não aconteceu.



Junho de 1993. Atendimento médico. Acampamento Limeira



Distribuição de água potável trazida pelas carroças.

Junho de 1993. Melhorias na estrutura do acampamento.





Vista parcial do acampamento Limeira - 1993.

Era pelas 3 horas da madrugada quando os ônibus começaram a chegar na Limeira* com as famílias excedentes da Aruega e Córrego das Posses em Taipé. As nossas famílias também apareceram em grande número. Éramos umas 80 famílias ou representantes delas; deles os que tinham chegado eram 110 famílias, algumas também vieram para dar apoio ao movimento. Isso até as 6 horas da manhã, pois as 8 horas a polícia militar já estava no local dando batida em todos os que passavam; não deixavam que passassem com foice e faca. Eles estavam pegando as nossas ferramentas, tinha que passar por outro caminho.

Acampamento. Lá, tudo novo. Agora era um desafio real, pois nós nunca estivemos em um acampamento; para nós, agricultores de Tumiritinga, era um improviso, pois a gente não sabia o que fazer, nem como fazer, pois, era tanta demanda de material, ferramenta e coordenação que ficávamos quase parados, pois o que a gente, principalmente eu, consegui fazer, foi esticar uma lona em cima de umas varas para proteger do sereno e atravessar a noite; pois de hora em hora tinha assembleia, ora passando informações, ora pedindo organização e orientando os companheiros para agilizar.

Segurança, este era o maior problema, pois nós nunca tínhamos feito este tipo de ação antes; então não era para ser sozinha, era preciso a companhia de outros que vieram para dar apoio.

* Uma área da Fazenda Califórnia.

Então começou ali a minha etapa de coordenação e liderança. Eu, como presidente da ADPM Tumiritinga, era a todo o momento solicitado para fazer algo ou dar opinião sobre o que fazer. Como também conhecia toda a fazenda era também consultado para várias decisões que eram tomadas a todo o momento e os problemas eram de ordem muito superior ao que tinha previsto: água potável não existia; como o povo veio de fora estavam a vários meses em acampamentos, às margem da BR, eles não estavam bem de saúde e também estavam mal alimentados, principalmente as crianças e velhos; estes sofriam mais. Faltava tudo: leite, água, remédio, comida, fumo, sal e ferramentas.

A sementes que chegavam eram às vezes comidas, pois a fome era negra e não podia esperar. Então o que fazer era realmente uma verdadeira batalha; e olha, eu estava em todas elas. Como nós tínhamos uma horta comunitária da Associação levavam o que tinha lá, até cana, para alimentar.

Assim que estabelecemos o acampamento começaram as doações; o povo de Tumiritinga abria os braços e abraçaram os sem-terra; todos levavam algumas coisas, porém a polícia caiu em cima de todos, reprimendo tudo o que chegava para ser doado. Antes de entrar no acampamento as bolsas, sacolas, pessoas eram vistoriadas e os porta-malas dos veículos eram abertos, bancos eram virados; faziam uma verdadeira varredura até com cachorros, procurando armas, drogas. Era um abuso de poder para inibir a nossa luta.

Começaram a me perseguir achando que eu era o chefe do acampamento, isso complicou até a vida de minha família; pois eu não podia entrar e ir à cidade; e também não podia sair.

Algumas vezes eu tinha que me disfarçar para sair do acampamento, junto com os companheiros João Calazans, Aloísio Padilha, ambos da FETAEMG. Então era até divertido, pois tanto os policiais daqui como as polícias de fora do município queria pegar o Zé Pavuna. Ele era o cabeça daquele movimento, e por mais que os outros companheiros dissessem o contrário, eles não acreditavam. Um dia quando estava noite no acampamento alguém passou mal e ninguém podia levar essa pessoa até o hospital da cidade. Era mais ou menos 10 ou 11 horas; então eles pediram para eu ir até a cidade no carro da Federação. Éramos quatro pessoas; o doente, acompanhante, o motorista e eu. Quando chegamos ao hospital também chegou uma viatura para me pegar, a enfermeira que nos atendeu me avisou que eles iriam ficar me esperando, pois sabiam que

eu estava no hospital. Olhando pela fresta da janela eu os avistei, eram 4 policiais que andavam em frente a porta e também da garagem.

Perguntei se havia mais policiais além daqueles que estavam ali; a enfermeira disse que só tinha visto aqueles. Então disse: “eu vou sair pelos fundos”. Neste momento o nosso carro e também o motorista estavam detidos até que eu parecesse. A missão deles era me pegar agora. Se eu saísse para ir pro carro seria preso, ficar no hospital eu não queria. Saí pelos fundos e parti para o quintal vizinho; na verdade pulei 5 quintais e sai na rua lateral, entrei no pátio da cerâmica Alves e Rocha e cheguei na beira da linha férrea CVRD. Então subi até a estação saindo por ruas laterais e desertas, cheguei em casa já quase 1 hora da madrugada; minha esposa não sabendo de nada até assustou, pois eu estava no acampamento. Contei para ela e rimos da situação, o que naquele momento estava bastante divertida e perigosa.

Isto era nos primeiros 15 dias de ocupação, pois a UDR estava louca para ter sucesso na ordem de despejo; mas graças a Deus os nossos advogados e o processo estavam certos, pois o atual proprietário João Peixoto não tinha nenhum documento que referisse sobre a fazenda Califórnia, pois ela tinha sido comprada já com o processo de desapropriações em andamento. A documentação estava em juízo e o João Peixoto só tinha em seu nome um recibo de compra que por ele pagava 45.000.000.00 de cruzeiros; sendo 3 promissórias de 15.000.000.00 cada. Isto era toda a documentação apresentada ao Juiz lá em Conselheiro Pena. Com isto não foi manter a desapropriação. Mas demorou bastante tempo. Uns 90 dias.

Estávamos mais focados em busca de alimento e melhorar a infraestrutura do acampamento; tinha feitas algumas cisternas, mas a água era ruim. Muito enferrujada. Assim, buscava água na rua para mais de 500 pessoas em 2 carroças. O Gilberto e Ronaldo eram os carroceiros, cada um levava 500 litros de água portátil todos os dias à tarde e toda alimentação era vinda de doação de paróquias da nossa diocese. E de todo Vale Rio Doce; com esta ajuda até a saúde dos acampados havia melhorado.

Estávamos vivendo uma fase de estruturação no acampamento com várias comissões. A comunidade tinha doado uns 500 metros de mangueira para puxar uma água de uma mina. Estávamos ansiosos para ver se a água era suficiente para abastecer o acampamento já que a cada dia as dificuldades só aumentavam no sentido de estrutura.



Discussão para solucionar conflito interno.



Reunião de mulheres do Cachoeirinha - 1994.



Curral coletivo com 150 animais ("de mamando a caducando")



19 DE JUNHO DE 93

Tristeza, pois surgem boatos que o INCRA só vai assentar 56 famílias; ficamos desapontados, pois tantos hectares para só 56 famílias. Era demais. Sendo que uma terra como essa, produtiva, e nós sem emprego, sem fonte de renda para nós trabalhadores de Tumiritinga. Fizemos um apelo, reivindicamos ao INCRA que fosse repensada a proposta diante da pobreza do nosso vale. Contávamos com o apoio da 'Associação em defesa dos pequenos em mutirão' de Tumiritinga nessa reivindicação.

21 DE AGOSTO DE 93

Fato histórico no Vale do Rio Doce. Fizemos a primeira romaria da terra em Tumiritinga, que tinha como lema: *ESTAS TERRAS TÊM DONO: O DEUS DA VIDA E O SEU POVO SOFRIDO*. Conseguimos reunir só num dia aqui em Tumiritinga mais de 5000 pessoas, solidárias aos acampados. Obtivemos 2 caminhões de alimento e também fizemos o maior fórum de denúncias do nosso leste mineiro. Contamos nesse evento com personalidades - deputados, prefeitos, vereadores, irmãs, padres, líderes, - e principalmente trabalhadores.

1ª Romaria Terra e Água no Vale do Rio Doce (agosto de 1993)



noSSa e
ao mesmo
ziam que
ar 90. Já
20 e a
o acam
ssiam
e Tu
ma p
o e
sta
sua
ac
W
en



Como já tinha sido discutido e marcado no mês de junho que iríamos fazer a 1ª Romaria da Terra em Tumiritinga, no dia 21 de agosto de 1993. Que nós, da CPT vale Rio Doce e estadual, tínhamos depois de muita discussão, aprovado o lema “Estas terras têm Dono: o Deus da vida e seu povo sofrido”. Com este pensamento fomos à luta e propagamos a todo vale e a dioceses vizinhas, tanto a de Caratinga quanto a de Itabira, para fazermos uma manifestação massiva de peregrinos à 1ª Romaria do Vale Rio Doce. Era de fato um ato histórico na região, visto que o latifúndio está em pé de guerra com os camponeses.

Era a vez da Igreja se colocar ao lado do povo de Deus. Era um dos momentos mais forte de fé do nosso povo, tanto católico como evangélico, pois todos defendiam a Reforma agrária. Em todas as co-



Chegada ao
acampamento Limeira
(agosto de 1993)

comunidades havia grupos de apoio para arrecadar alimentos e agasalhos e material de limpeza. Com este espírito de fraternidade e solidariedade do povo de Deus arrecadamos 2 caminhões de alimento e também muita semente de milho, feijão, arroz.

Então, chegado o Dia da Romaria, nossa cidade que nunca tinha feito algo parecido, amanhece com sua população em dobro, pois conseguimos colocar aqui, em um dia, mais de 5.000 pessoas para celebrar e denunciar as injustiças que o latifúndio faz com os pobres, sem-terra e assalariados. Foi uma das maiores festas que Tumiritinga já viveu. Era gente de todas as cidades circunvizinhas e até de outros estados. Colocamos um marco dentro do acampamento 1º junho, lá no Limeira, que dizia “Estas terras têm Dono - o Deus da vida e seu povo sofrido”. Foi o máximo.

Governador Paladares 21 de Agosto 1955

Companheiros e companheiras que reinhe de todos os lados, solidários ao Romarões referentes as lutas da terra mais produtivas do nosso vale, quero nessas poucas linhas, deixar meu abraço cordial e fraterno. (Que meu no hospital e em comunhão com meu pai, ^{leito} participando com vocês nesta caminhada agora reconhecido que ninguém é insubstituível. Mas gostaria de estar aí com vocês.

A todos vocês da C.P.T. é a todos que acreditam em Deus. Sabe que Josué não pisou na terra prometida, sei que ~~foi~~ ^{foi} mais longe, pisei na promissória. Alegrei com os que ali se alegre, e chorei com os que ali choraram. Fico com as palavras que o senhor falou a Josué, você passar o povo além do Jordão, conquistou Jericó e muitas outras nações mas na sua velhice, perante a seus companheiros de lutas incansáveis, disse, combatemos os filisteus e tantas outras nações, Jericó levou ao chão muita terra por conquista, não podemos para para contra vitórias e nem derrotas. pois a nossa única meta, a conquista que a nossa única meta, para ser, conquistada que a nossa única meta, pela te faça crescer a C.P.T. do vale Rio do Oeste e os movimentos gerais.

- Carta de Joaquim Nicolau / para
a Romaria da Terra

31 DE AGOSTO DE 93

Motivo de alegria para nós de Tumiritinga. Saímos às ruas e fomos protestar contra o prefeito pelo abuso que ele estava fazendo, ou melhor, tentou fazer como o povo de Tumiritinga, que era transferir as AIHS (autorização de internação hospitalar) para outro hospital e fecharia o hospital daqui. Fomos à luta e não o deixamos cometer esse abuso; o povo mostrou a sua força.

28 DE SETEMBRO DE 93

Discordamos com o regimento do MST e saímos do acampamento em sinal de protesto e fomos para outra área fazer nossas roças. Novos desafios, principalmente da minha parte. Pois era acusado de tudo de errado que acontecia na fazenda desde cerca cortada, aração de pasto até matança de bois na fazenda.

Então, como estava a vida interna do acampamento em relação aos agricultores de Tumiritinga? Alguns não podiam mais ficar toda semana dentro do acampamento, pois os mesmos precisavam trabalhar pelo menos 03 dias para levar algum alimento para suas famílias e não queriam pegar alimento que foi doado, achando assim que eles precisassem mais. Com este pensamento tínhamos discutido e proposto para direção do acampamento que os agricultores de Tumiritinga queriam a terra, mas não podia morar lá com suas famílias, pois as suas crianças estavam na escola, algumas mulheres trabalhavam fora para ajudar na despesa da família já que o esposo está mais presente no acampamento e não tinha com trabalhar.

Assim as lideranças do MST que coordenavam o acampamento começam a criticar estes agricultores e a dizer que eles não precisavam de terra, pois se quisessem terra estariam lá no acampamento. Isto era muito ruim, pois nós já estávamos sabendo que o proprietário já tinha perdido em 2ª instância a reintegração de posse da fazenda Califórnia. Só aguardando o parecer de Brasília para termos certeza que a terra era nossa e isto era maravilhoso e ao mesmo tempo angústia, pois alguns diziam que a fazenda só poderia assentar 90 famílias e éramos mais de 120 e as lideranças estaduais do acampamento coordenado pelo MST diziam que os excedentes seriam os de Tumiritinga.

Isso era muito ruim uma vez que nosso povo tinha acolhido eles; os que vieram do norte do estado, Jequitinhonha, Mucuri Araçuaí, Aruega e Santa Rosa; de braços abertos e agora era desprestigiado pelo mesmo, chegando ao ponto de não aceitar mais dentro do acampamento estes trabalhadores que os convidaram para juntos lutar e conquistar esta terra.

Agora era motivo de revolta, pois o povo de Tumiritinga não aceitava isso; tanto que as lideranças de outras entidades juntaram para uma grande assembléia para contornar a situação no acampamento Limeira; e o pessoal do MST não concordou. Estava presente: MST, FETAEMG, CPT, STR Tg^a, STR GV, STR Sobrália, Dep. Estadual Marcos Helênio, Dep. Federal João Fassarella, CAT, Igreja Católica local, Igreja Metodista/GV, Associação ADPM. Todos eram solidários que a terra caberia todos, pois a fazenda é de 3.016 hectares e com certeza caberia as 130 famílias, mesmo tirando a reserva legal e as estradas; pois a terra é fértil e as nossas chuvas as vezes passava de 1200 mm anuais. Sem contar que podíamos usar tecnologia como irrigação e cobertura mista para proteger o solo e garantir a produção.

(....).

Naquele momento percebi que a minha presença no acampamento seria muito difícil. Para alguns eu era um subversivo não obedecendo a normas do MST e com isso o colocando fraco diante do acampamento. Ao mesmo tempo os agricultores de Tumiritinga tinham esperança que eu poderia ajudá-los em garantir sua participação no assentamento; isto nem eu mesmo podia garantir para mim.

Então tomei uma decisão que mudou a História de Tumiritinga. Foi quando disse que a luta é um trem em movimento e cada pessoa vai até aonde a passagem dele leva e a minha passagem só levava até ali. Não tinha mais destino, pois como eles queriam, eu não faria. Então falei que parava ali naquele momento e desejei para as famílias que ficavam muita sorte e bom trabalho, pois estava de volta para casa junto com meus filhos tentando tocar minha vida de urbano. Eu, um filho de assalariado e parceiro nesta fazenda, estava abrindo mão desta oportunidade. Então vim para casa.

05 DE OUTUBRO DE 93

João Peixoto morre. Somos acusados pelos coronéis da cidade de sua morte apesar de ele ter sofrido enfarte.

22 DE OUTUBRO DE 93

Plantamos nas terras aradas que o Djorge tinha arado. Começo do Cachoeirinha.

E antes daquela assembléia a qual eu disse que sairia do acampamento e voltava para casa, naquele momento eu só tinha uma bicicleta, e a hora que saí do acampamento, as coisas mais leves coloquei na garupa da mesma e fui saindo; era por volta das 2 horas da tarde que eu cheguei em casa, na rua.

Meus dois filhos, André e Sheyla, estavam lá em casa. Eu comecei a conversar com eles; que o papai tinha desistido de ter um pedaço de terra e que nós não teríamos vaca para tirar leite, cavalo para podermos andar e fruteira para gente colher frutas, pois o papai não ia voltar. Quando falava para eles, que estavam sentados um na perna direita e o outro na perna esquerda ouvindo. E tristes. Eu me esforçando para não chorar, pois os meus sonhos também tinham sido atropelados ou mesmo destruídos.

Quando é por volta de 3 e meia, 4 horas, começa a chegar os companheiros que estavam acampados lá comigo; todos trazendo suas coisas. O Ronaldo, o Gilberto e o Damião, os 3 que tinham carroça, estavam com elas lotadas com nossos pertences. Todos param lá na minha casa e foram se amontoando pelo terreiro, todos tristes como se tivesse morrido alguém.

Na verdade, morreu o sonho de todos nós; eles não falavam nada. Só não iam para suas casas, esperando para uma solução. Todos olhavam para mim buscando assim uma resposta que eu não tinha. Era uma situação muito difícil.

Neste momento minha esposa vem até minha e fala: - Coragem! Vamos fazer um mocotó e comer uma carne cozida para gente poder pensar melhor, e se for da vontade de Deus, Ele vai trazer uma alternativa para seu povo.

E dando ação às palavras mandou acender uma fonalha improvisada no meio do terreiro. Alguém chegou com os pés de boi já limpos e picados; apareceu uma pinguinha. O padre Antônio chegou de Goval e falou: “o que vocês decidirem, eu estou do lado de vocês”.

Naquele momento o Djorge estava arando uma parte da baixa, sentido Conselheiro Pena (onde é o Cachoeirinha hoje) para dar para algumas pessoas plantar para fazer uma média com a mÍdia. Então, alguns dos companheiros presentes disseram: ‘nós temos que fazer pelo menos uma roça’. Isto era início de setembro; ainda dava tempo para nós preparar a terra e plantar. Decidimos que faríamos uma roça na baixa depois da entrada do acampamento, saída para Goyal; então marcamos o mutirão para o dia seguinte. Alguns ainda com medo, pois o MST não queria que nós plantássemos nada ali. Fomos para a área e roçamos; arrancamos vas-soura, guaxima, moita de espinhos, e outros matos, para limpar e plantar.

Mas como o Djorge estava arando no outro lado da cidade, eu e o Erly num fim de tarde, irrigando nossa horta na área da Associação, fomos até a cerca que era o limite da Califórnia com a Associação e vendo mais de 20 hectares já arado; o Erly vira para mim e fala: “Nós podíamos plantar essa terra”. Eu respondo: “Vamos falar com o grupo e ver o que eles acham”.

À noite a gente se reuniu e decidimos plantar a terra seca, pois ainda não tinha chovido. Começou um corre-corre atrás de semente, pois a que tinha sido doada para o acampamento não era nossa, pois a gente tinha rachado com o MST e não tinha mais nada de lá. Então procurei com minha família um pouco de milho de paiol e conseguimos 80 quilos. O Edson, do CAT, junto com Pe. Antônio, doou mais de 200 kg milho ‘de escola’ e cada um ainda comprou 20 kg de milho riberal híbrido para podermos plantar. Como a terra que estava arada era pouca procuramos achar um trator para arar, mas os fazendeiros da região não aravam com medo da UDR; a prefeitura também não arava. O MST tinha trator, mas também não arou. Saí à procura de trator para arar nossa terra; fui até Conselheiro Pena encontrar com Roselmo Pessotti que tinha acabado de comprar um trator novinho. Ele me disse: “Olha, se vocês tiverem me pagando a hora eu aro até as terras do meu pai”.

Então o rapaz veio... Nós tínhamos recebido uma doação em dinheiro que daria para pagar até 120 horas. Com mais um pouco que cada um arranhou aramos mais 100 horas, totalizando 220 horas de terra arada.

Era uma grande roça. Nós plantamos de média de 35 a 40 quilos de milho por família. Éramos 30 famílias; ainda tinha a roça em mutirão comunitário que foi plantada 20 sacolas de milho, além de batata, mandioca, alguns pés de banana, algumas covas de cana; tudo para fazer semente pro ano seguinte. Era uma festa.



Construção do 1º barracão em Cachoeirinha (1994).



Primeira colheita recorde de feijão no barracão.



Limpeza do terreno no sentido do rio (local do 1º barracão) - 1994.

Um fato muito interessante que aconteceu foi que o pagamento do tratorista ficou para eu fazer. Era um pouco mais de 6 da tarde quando eu o paguei. Logo que ele sai da minha (hoje) casa, naquele momento barraco; começou a chover. Senti que a graça de Deus estava ali do nosso lado, 22 de outubro de 1993. Nossa roça estava sendo plantada.

Enquanto isso tinha fofoca de todo lado. O gerente que dizia que iria passar o trator em cima do nosso milho. O MST discordando de que nós ganharíamos terra. Abaixo de nós, outro grupo financiado por gente da cidade contrária a nós, também estava tentando fazer roça; eles eram liderados por alguém que não conhecíamos (chamado Ramon) que no final não conseguiram nada, não tinha vocação para roça e não sustentou a situação.

Por outro lado, o nosso grupo estava cada vez mais organizado; tínhamos construído um nome, um regimento e fazíamos até ata das reuniões, pois a organização é a forma de conduzir aquele processo*.

Eu que até ali não imaginava ser líder daquele povo, conduzi-los nessa briga, me esforçava ao máximo para dar certo, contando sempre com o apoio do amigo Pe. Antônio e do Edson – CAT. Duas pessoas maravilhosas, verdadeiros anjos de Deus aqui conosco.

Quando começamos a pensar em trabalhar aqui para nós, era só uma roça, e não luta para conquistar um pedaço de terra. Mas o desejo de produzir é algo que estava dentro de nós, de modo que as pessoas sentiam que a felicidade está nessa atividade, pois a grande maioria era trabalhador braçal ou diarista aqui em Tumiritinga e não tinha ocupação fixa; e agora tinha um lugar para plantar uma roça e não ter que dar a meia ou a terça parte pro patrão. Tudo o que colhêssemos era nosso. Imagine a alegria de estas famílias estarem realizando um sonho: terra para plantar e poder colher o fruto do seu trabalho.

Atentos a tudo isso Pe. Antônio e Edson, eu e mais algumas pessoas começamos a pensar no futuro. O que fazer... pois os rumores que o INCRA não aceitaria as famílias de Tumiritinga, que naquele momento já tinha um nome: STUT – Sem terra unidos de Tumiritinga; que era defendido em todo lugar pelos companheiros, tanto da CPT, como FETAEMG e alguns deputados; e pela igreja católica e metodista, na pessoa do meu amigo Pastor Davi Souza.

O nosso grupo estava dando resposta ao anseio do povo que nos ajudava com alguma coisa, seja ferramenta ou semente.

* Quando surge o grupo STUT – Sem-terra unidos de Cachoeirinha.

Então o gerente aumentava a perseguição sobre a minha pessoa. Nesta situação eu estava sendo ameaçado a todo o momento. Diziam que eu não veria o sol nascer de novo.

Então a nossa organização tinha a cada dia mais e mais amigos. Decidimos ocupar uma outra manga do lado de cima da linha férrea, uns 20 a 30 alqueires, onde tinha mais ou menos 150 bois. Nós juntamos o gado a pé; éramos 30 companheiros com enxada e foice, ferramenta que estava trabalhando para limpar um lugar para podermos plantar uns dois sacos de feijão, pois é mais alto que as margens do rio e poderia ter condições de colher, pois a chuva não prejudicaria ele.

Nós tirávamos o gado pela hora do almoço e o Djorge os colocava pela tarde novamente; e nós o tirávamos de novo e se repetia a operação também. Então voltamos com o gado no mesmo momento em que ele tinha passado para dentro da manga e pregado arame na porteira, além de ter fincado um toco bem profundo impedindo que a mesma fosse aberta novamente.

Nós fomos até lá, arrancamos o toco e cortamos os arames e passamos o gado de volta. Nesse momento o Djorge aparece com 05 outras pessoas que eram desconhecidas para nós.

Mais tarde ficamos sabendo que eram pistoleiros e também o filho do fazendeiro João Peixoto me ameaçando dizendo que iria me matar. Eu disse a ele que o gado não mais iria entrar, pois se isso acontecesse, eu, junto com meus companheiros, cortaria o arame da cerca que dividia com a linha férrea e os colocaria para ser atropelado pelo trem, pois nós não iríamos matar o gado. Por isso estávamos passando para outra manga e que não queríamos bois; o que agente precisava era da terra e não dos bois dele. Ele me disse que eu devia estar muito bem armado para dizer aquilo na cara dele, que eu era doido, pois ele estava ali para qualquer coisa e que faria o que ele quisesse.

Eu disse a eles que depois do medo só tem coragem; e levantando a camisa mostrando que não estava armado. Neste momento o filho do dono da fazenda apresentado disse que o gado não iria mais atrapalhar nossa roça, pois nós não queríamos briga com eles; a nossa luta era com o INCRA e não com ele.

Eu disse a ele que nós respeitaríamos a criação dele, podia contar os animais e ver se estava faltando algum. E o Djorge me acusava chegando até a me denunciar na delegacia de Conselheiro Pena. Como ele não pode provar, nós começamos a também investigar estas denúncias

e descobrimos que o gerente matava e vendia para comerciantes locais por preços abaixo do mercado; e ficava com o dinheiro e colocava a culpa em nós, eu e todos os acampados.

Enquanto isso a roça continuava a crescer e ficando cada dia melhor, pois o ano era bom de chuva e também a terra estava descansada e produzia o máximo. Era a graça de Deus no meio de nós.

25 DE OUTUBRO DE 93

Chove forte e nosso milho nasce bonito, contratamos um tractor na barra do Cuieté para prepararmos mais terras na margem do Rio Doce, lado leste da cidade.*

Na área que tínhamos tirado o gado era uma terra alta, 'amorrada'; então, numa encosta resolvemos plantar um saco de 60 quilos de feijão. Estávamos plantando quando fomos visitados por dois companheiros de Peso**, o Edson-CAT e Joaquim Nicolau, este membro da CPT no Vale do Rio Doce e fundador do PT em Goval.

Eles chegaram num Niva branco, do CAT. Lá em cima do morro eu os recebi e mostrei toda a baixa do Cachoeirinha arada e plantada, o rio Doce ao fundo. Ficamos ali admirando a grandeza desta terra. Então o Joaquim disse: "meus amigos, agora já posso morrer sossegado, eu vi a terra prometida e ela é bela". Edson e eu falamos para ele que ele não devia querer morrer agora; tínhamos que comer os frutos que esta terra nos daria; onde nós criaríamos nossos filhos e netos. Ele pegando um punhado agradeceu a Deus e lágrimas saíram dos meus olhos, pois ele realmente estava muito doente.

06 DE NOVEMBRO DE 93

Com o declarado racha, o MST resolve levar sua sede para outro local, pois antes era na Associação.

A pressão dos acampados do MST lá do outro lado da cidade afetava todos nós no Cachoeirinha, pois o INCRA não nos reconhecia como acampados e candidatos a um lote aqui na fazenda Califórnia.

Foi quando o INCRA mandou ao acampamento do MST uma equipe para cadastrá-los e também para ter uma noção de quantos

* Cuieté é distrito de Conselheiro Pena.

** Peso em maiúscula indicando que os dois visitantes eram bem obesos.

eram. Com o apoio do Pe. Antônio e do -CAT, os técnicos do INCRA também visitaram nossa roça. Estávamos esperançosos para também ser cadastrados quando eles chegaram e viram o nosso trabalho e esperança nos nossos olhos.

Não podendo cadastrar o pessoal do STUT – Sem-terra unidos de Tumiritinga*** - (hoje Cachoeirinha), pois os acampados do MST antes tinham ocupado o NCRA na marcha feita no Grito da Terra, em 07 de setembro daquele ano. Então as lideranças estaduais reivindicaram o cadastramento dos acampados do '1º de junho' e não os acampados do STUT, pois nós não éramos liderados pelo MST.

Naquele momento nós éramos o único acampamento que tinha ocupado a fazenda juntos, mas com organizações diferentes.

Fomos os primeiros que rachou com o MST no estado. Nós éramos liderados pela CPT e FETAEMG; ambas as entidades que até ali tinham apoiado o MST em suas ocupações no estado. Agora era uma situação nova, estava sendo colocada – era o primeiro acampamento a dividir uma mesma fazenda. Isso era muito difícil, pois o INCRA não acolhia a reivindicações que nós, do STUT, levávamos até lá. Isso era muito frustrante, pois as pessoas usavam esta situação para dizer para nós do STUT que não seríamos assentados; que a fazenda era só para famílias do acampamento 1º de Junho.

Isso acontecendo e a situação não mudava.

No meio de tudo isso aparecem em Tumiritinga os técnicos do INCRA. Para nossa surpresa, veem até a nossa roça e vêem tudo o que tínhamos feito. Então o Dr. Rubens e Dr. Alexandro dizem assim para nós: “olha, explorar a terra, vocês estão fazendo muito bem; agora vocês têm que ocupar com a presença de suas famílias para ter realmente o direito a terra”.

08 DE NOVEMBRO DE 93

Com pressão principalmente de um fazendeiro que mandou nosso tratorista embora, houve dificuldade, pois, tinha muita terra ainda a ser preparada. Também sem o apoio da prefeitura local e toda elite tumiritinguense.

*** Ao se separarem do grupo liderado pelo MST e ocuparem parte da fazenda, os acampados de Tumiritinga formalizaram uma nova Associação: STUT (Sem-terra unidos de Tumiritinga).

10 DE NOVEMBRO DE 93

O MST resolve em assembléia prender todo o gado que pastava suas plantas e levaram para o curral no Limeira.

O gerente ficou uma fera e deu parte a polícia em Valadares. Logo aparecem aqui dois oficiais de justiça querendo obrigar eu e o Padre Antônio a convencer os acampados a soltar o gado preso. O confronto, bate boca, se deu em frente a prefeitura as 11 horas do dia 10-11-93.

Um fato muito importante aconteceu antes deste momento*. Foi quando os policiais do Gate me obrigaram a ir ao acampamento encontrar com a liderança do mesmo; pois eles, 2 dias antes, tinha prendido todo o gado que o gerente da fazenda, Sr. Djorge, homem com fama de bravo, tinha soltado em cima das terras que o MST estava trabalhando; isto é, nas margens do Rio Doce. Isto tinha gerado um grande alvoroço na cidade e toda sorte de reclamação dizendo que eu também tinha culpa na ação, que também era líder deles.

Chegando à minha casa, estando eu e meu filho André, este com três anos, os policiais me obrigaram a entrar no carro com eles e ir até o acampamento. Não tinha telefone para avisar a Aparecida que trabalhava na loja da Associação. Então disse para nossa vizinha, a Ângela, esposa do Luiz Gillette, o que estava acontecendo.

Ela mandou avisar a Aparecida, o Renato do STR, e em pouco tempo toda cidade está mobilizada, pois tinham me pegado e levado pro acampamento. Se levando em conta que a esta altura da ocupação, já quase 3 meses, a minha cabeça está para ser cortada; já tinha recebido ameaças de todas as formas e por todos os meios. Neste momento não andava só, pelo menos na presença de 03 companheiros ou mais.

Então, chegando ao acampamento fui até a liderança e coloquei para eles o que estava acontecendo e que alguém deles precisava ir até a portaria e me defender, pois eu não tinha nada a ver com a prisão do gado e vacas de leite do fazendeiro.

Depois de horas foram até lá e me liberaram. Neste momento também um grande número de famílias da cidade, acampados ou não, muitos das igrejas locais, sei que era mais de 500 pessoas ao redor do carro.

* Referência ao momento em que o autor deixa o acampamento e se retira para sua casa.

Isto já passando de 7 horas da noite; quando me pegaram na minha casa eram 3 horas da tarde. Estava com eles mais de 04 horas, eu e meu filho André, de apenas 03 anos. O povo ao redor do carro da polícia. Um carro comum, até velho, sem identificação.

Os oficiais quando viram aquele movimento todo em relação a minha pessoa ficaram assustados. Eles eram só 02 e à paisana. Viemos para Tumiritinga, talvez uns 3 km; o povo, uma grande parte vinha na frente e o restante veio atrás do veículo, não os deixando correr e nem parar. Quando chegamos em frente de nossa casa, Avenida Getúlio Vargas 315, a rua estava cheia. Mais de 500 metros ao lado de casa, os policiais disseram para mim quando pararam em frente de casa: “matar você não é um bom negócio; você é muito querido aqui”.

26 DE NOVEMBRO DE 93

Estávamos empolgados cortando madeira para a construção do 1º barracão nas terras lado leste da cidade quando alguém foi nos avisar que o companheiro Joaquim Nicolau tinha morrido. Tristeza, pois uma semana antes ele tinha nos visitado e disse: “POSSO MORRER SOSSEGADO, POIS ESTIVE NA TERRA PROMETIDA.”

Também alguns já tinha plantado 2 vezes o milho. Estava morrendo com a seca, pois faltava chuva.

Filho de agricultor voltando pra casa depois de levar café para o pai na roça.





Filhos de assentados.



Colheita de milho.
Área comunitária (1994).



Colheita de milho comunitário (1994).

Então a ordem agora era morar na terra. Isso era mais um desafio. Então a 1ª ação foi construir um barracão, onde mais tarde serviria também para reunião. Fizemos um mutirão para buscar a madeira aqui na fazenda, depois da cidade sentido Goyal, depois da entrada do Limeira. Estávamos lá cortando os tocos e varões para fazer o barracão quando alguém chegou avisando que o Joaquim Nicolau tinha morrido (pois não tinha telefone). Então vim para cidade para ir até Goyal pro velório do amigo que a pouco tempo tinha visitado a nossa terra; e profetizado que agora podia morrer, pois tinha visto a terra prometida que Deus tinha prometido aos seus filhos.

Estava eu lá, com minha companheira no velório do nosso companheiro, onde pudemos ver quantos amigos ele tinha, pois era gente para perder de vista. Quando voltamos continuamos a construção; era uma festa poder construir um local para nós podermos reunir, festejar e também rezar.

Foi assim: colocamos os tocos para serem os cantos, os varões para ser as travas e para as paredes colocamos varas e ubá* para construir uma tela para ser barreado depois, de um lado e do outro até ficar todo coberto sem buracos. Isso aqui chamado de barreado é uma casa pobre, mas bem segura e forte. O telhado, colocamos travas e caibros para depois as telhas Eternit. Isso tudo sendo feito em mutirão, em apenas uma semana, sem uso de caminhões ou máquinas.

* Planta herbácea, utilizada na fabricação de cestos e balaios. Também conhecida por 'cana brava'.

Tudo no modo primitivo: carroça, machado, foice, serrote, e martelo e torquês, alicate, arame e pregos de vários tamanhos.

Estava pronto. Uma beleza. Agora já tínhamos um local de reunião e de oração na nossa comunidade, graças a Deus.

11 DE DEZEMBRO DE 93

Chove forte, estávamos felizes; finalmente o nosso milho melhorou; também muita planta de arroz, cerca de 300 kg. Também plantamos em torno de 5000 covas de cana e muita batata.

Então aconteceu a 1ª colheita do milho que tínhamos plantado; também as batatas e mandioca, as canas estavam crescendo junto com as bananeiras. Já tínhamos tudo isso e sonhávamos com muito mais. O nosso grupo tinha regimento, fazíamos ata de cada reunião que acontecia também tínhamos uma forma de avaliar o trabalho coletivo*. Somávamos os dias trabalhados em cada roça e quando colhíamos aquela roça, uma vez pesada a colheita, era dividido pelos dias trabalhados porque o nosso regimento dizia esta obrigação; pois tinha uma forma de contabilidade. E marcávamos todos os dias divididos por horas; se algum trabalhador fizesse só meio dia este era anotado; quando fosse na hora da partilhar tudo era somado e depois dividido referente aos dias de cada um do grupo. Uma vez também dividido por quilos e horas; as horas trabalhadas eram contadas e também a produção; então quem trabalhasse menos levava menos e quem trabalhasse mais levava mais. Isso dava muito certo, pois era a forma transparente de gerenciar as colheitas.

03 DE JANEIRO DE 94

Mais um encontro com o MST para tentar um acordo com nosso grupo. Novo fracasso. Neste encontro estava presente: CUT, FETAEMG, CPT, STR, PT, Associação e Igreja Católica. Insistência para que os assentados fossem só os do MST; que não cabe mais ninguém.

03 DE MARÇO DE 94

Primeira planta de feijão mais de 600 quilos. Também recebemos um completo sistema de irrigação de grupo solidário

* Aqui Pavuna está se referindo ao STUT.



da Itália com o custo de (8.200 dólares). Feijão naquele dia estava custando o dobro do preço.

Também neste período que o Ramon se faz líder na chácara, de um outro grupo, de fora do assentamento, na área ao lado da nossa. Também a prefeitura libera junto com o espanhol um trator para eles preparar a terra; é uma distribuição desorganizada com fins lucrativos pois pouco tempo depois já vendia hectares preparados.



Roça comunitária.
Plantio de feijão



Irrigação de feijão.
Área comunitária (1994).



Roça comunitária.



Ronaldo limpando feijão. Área comunitária (1994).

Quando chegou em março do ano de 94 queríamos plantar feijão. Mas como era uma roça cara, nós tínhamos medo de arriscar plantar só com o tempo; precisávamos de uma irrigação. Então o nosso amigo Edson, junto com o Pe. Antônio, procurou um conjunto de irrigação para nós; encontrando comprou um motor de MWM 65 que tocava uma Bomba KSB. E mais 150 tubos de canos galvanizado de 04" e 5" polegadas em aço. Cinco com os canhões e suas conexões. O conjunto era suficiente para irrigar 15 hectares, ou seja, 03 alqueires.

Nós então fomos à luta. Planejamos a planta de como se daria a forma de irrigar. Tiramos 02 pessoas para irrigar e os outros iam plantar, capinar e colher. As 02 que ficaram para irrigar, se chovesse não precisava trabalhar, mas ganhariam o mesmo que os outros que trabalharam.

10 DE ABRIL DE 94

Duas pessoas da elite da cidade mandam o trator do MST para uma área dentro da nossa roça, pois dias antes nós tínhamos procurado o trator deles pagando o preço de mercado aqui e eles não aceitaram trabalhar para nós, pois nós não tínhamos direito; então não deixamos também arar a terra de um deles. Houve uma grande ameaça de que era pior para nós.

12 DE ABRIL DE 94

Umhas 100 pessoas do acampamento - do Limeira vem proteger o trator arando a terra deles. Foi preciso que viessem -

O Edson do CAT, Madalena da CPT e Padre Antônio e Calazans.
Para tirá-los da área.

30 DE MARÇO DE 94

O julgamento do dia 05 de novembro de 93 está publicado hoje no diário oficial da união.

02 DE MAIO DE 94

Fassarela vem nos visitar e depois deles Marcos Helênio. Ele e os visitantes do INCRA que vieram cadastrar as 96 famílias acampadas na Fazenda Califórnia-Limeira ficaram impressionadas com nossas roças; eles falaram que precisamos construir casas e morar na terra para realmente conquistar a terra. Também há renova na diretoria da Associação. A outra chapa estava incompleta, pois não tinham conseguido montar a chapa de oposição.

01 DE JUNHO DE 94

Missa no nosso acampamento também uma festinha com muita batata e milho verde assado.

15 DE JUNHO DE 94

Nossa primeira colheita de feijão, mais ou menos 32,5 kg de feijão plantado

18 DE JUNHO DE 94

Segunda colheita de feijão, 100 sacos.

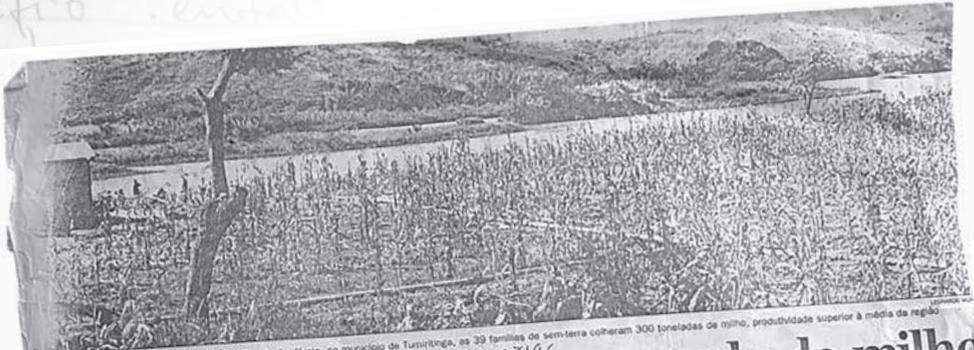
Também nesta semana o Pavuna, Edimilson e Angelino vem a BH, na sede do INCRA, para conversar com Eneias Cabral. Com a proposta de que também seríamos cadastrados.

26 DE JUNHO DE 94

Mais colheita de feijão: 75 sacos com a plantação de 12 hec com a média de 1020 kg por hectare.

Batemos o "record". No vale do Rio Doce somos manchete de Minas.

Fazenda desapropriada colhe Record de feijão em 12 hec.



em-terra colhem safra recorde de milho

Produção excedente garantirá renda de oito salários mínimos às famílias, que aguardam título de posse da terra

MI, 14/10
Em 1996, em uma área da Fazenda Califórnia, no município de Turminga, as 39 famílias de sem-terra colheram 300 toneladas de milho, produtividade superior à média da região. As famílias plantaram na área ocupada da Fazenda Califórnia, no município de Turminga, as 39 famílias de sem-terra colheram 300 toneladas de milho, produtividade superior à média da região. As famílias plantaram na área ocupada da Fazenda Califórnia, no município de Turminga, as 39 famílias de sem-terra colheram 300 toneladas de milho, produtividade superior à média da região.

Em 1996, em uma área da Fazenda Califórnia, no município de Turminga, as 39 famílias de sem-terra colheram 300 toneladas de milho, produtividade superior à média da região. As famílias plantaram na área ocupada da Fazenda Califórnia, no município de Turminga, as 39 famílias de sem-terra colheram 300 toneladas de milho, produtividade superior à média da região.

para consumo durante este ano inteiro", diz o secretário-executivo do Centro de Assistência ao Trabalhador (CAT), Edson Soares. O CAT é hoje, uma das entidades que ajudam o grupo dos sem-terra. Edson Soares explica que a alta produtividade é atribuída ao uso de uma tecnologia, que consiste em não fazer queima de mato e utilizar o mato do solo com matéria orgânica. Os recursos utilizados pelo grupo para o plantio foram destinados pelo Fundo Rotativo de Sem-terra, das comunidades da Austrália e do Brasil. Com isso, fica garantida a semente de boa qual-

idade, que é paga pelas famílias com a colheita. Com os recursos também foi adquirido um trator. **Feljo**
Os sem-terra vão iniciar este mês o plantio do feijão, utilizando a palha do milho. A produção lá tem mercado garantido no exterior. Uma cooperativa da cidade de São Paulo, a CPM, fez uma proposta para a compra de cinco toneladas de feijão. O plantio de milho na palha do milho é bastante usado no Sul do País, mas aqui na região é pioneiro", avisa Edson Soares. Cerca

de 30 hectares serão plantados e também vem sendo separada uma boa produção, uma vez que o grupo também, no sistema de irrigação, em parte da área de Turminga, vem apresentando. Edson Soares conclui que a reforma agrária é difícil. "O fazendeiro não quer deixar a terra de cada um para que eles possam investir mais". Com a infraestrutura ainda em construção, os trabalhos na área, pela terra local, já ocorrem um assustador. Quando for feita a divisão, cada família vai receber cerca de 30 hectares de terra.

Excedente

Cada família deve garantir uma renda de oito salários mínimos com a venda do excedente, o que assegura estas básicas

O drama dos sem-terra na Fazenda Califórnia

A posse da terra só depende do Tribunal

O drama dos sem-terra continua aqui, cinco meses, quando mais de 50 famílias ocuparam a Fazenda Armazém em Nova Cruzes. Depois a área devotada não comporta todas as famílias. A Justiça Nacional de Solução de Conflitos Agrários (JCSA) a determinou que apenas 22 famílias permanecessem no local, e o restante teria que sair sob pena de multa.



As famílias dos sem-terra armam suas barracas e espera a decisão sobre a posse da terra



A sobrevivência é difícil sem alimento, água e acompanhamento médico aos mais necessitados.

Diante da incerteza no julgamento para emissão das títulos de posse em sem-terra que foram assentados na Fazenda Califórnia, em Turminga. Valdo do Rio Doce, cerca de 150 famílias decidiram ocupar a Fazenda Armazém de Nova Cruzes, em Minas Gerais, onde há cinco anos aguardavam, vivendo em condições inumanas, passando fome e enfrentando doenças. Desde 58, a Fazenda Califórnia foi desapropriada para o assentamento dessas famílias.

As cerca de 500 pessoas ficaram na madrugada de terça-feira da semana passada, e apesar de ainda enfrentarem dificuldades na Fazenda Califórnia, os sem-terra dizem que não vão mais deixar o local. Uma faixa na estrada de cerca feita por eles, propõem, diz: "A solução para a fome é a reforma agrária". A um quilômetro do local, na beira da estrada, policiais militares pararam todos que querem chegar até a fazenda. Os sem-terra são organizados e divididos em comissões. José Pavuna, da Comissão de Imprensa, informou que os policiais vem agredindo a entrada de alimentos, fofas para os barracos e até água que vem de Turminga.

Vida difícil
Tem muita gente doente, com gripe, febre, e sarampo, mas não estamos conseguindo nem remédios", afirma Pavuna, dizendo que os 400 litros de água potável que buscam em Turminga não são suficientes para beber. O restante da água usada é barba extraída na própria fazenda. Para a única refeição dos dois, três pratos feijão, arroz e carne seca, com um pouco de leite. "A situação aqui é muito ruim", afirma José Pavuna, dizendo que os sem-terra não têm condições de trabalhar. Muitos não recebem salários, outros não recebem salários, outros não recebem salários.

Na localidade, que ainda não conseguiu barracos, os assentados como pedem. Mas os fazendeiros se recusaram ao contrato abandonado da fazenda. Estas famílias vão até as famílias locais, pedindo para que eles possam comprar a terra. Mas os fazendeiros não querem vender a terra. "A situação aqui é muito ruim", afirma José Pavuna, dizendo que os sem-terra não têm condições de trabalhar. Muitos não recebem salários, outros não recebem salários, outros não recebem salários.

Quem nos interessou é a terra. Já vamos começar a preparar a água potável que buscam em Turminga não são suficientes para beber. O restante da água usada é barba extraída na própria fazenda. Para a única refeição dos dois, três pratos feijão, arroz e carne seca, com um pouco de leite. "A situação aqui é muito ruim", afirma José Pavuna, dizendo que os sem-terra não têm condições de trabalhar. Muitos não recebem salários, outros não recebem salários, outros não recebem salários.

De volta à terra

Assentamentos no Vale do Rio Doce mostram primeiros resultados

prometida

Em 14/04/97
do trabalho de antigos sem-terra



Antiga fazenda Califórnia, às margens do Rio Doce, é o cenário dos assentamentos Cachoeirinha e 1º de Junho, onde 117 famílias começam a colher os primeiros frutos de uma terra que agora é repartida. Localizados em Tumiritinga, a 50 quilômetros de Governador Valadares, os dois assentamentos foram oficializados pelo Inbra em setembro de 96, mas os trabalhadores rurais estão nessa terra há quase quatro anos. A ocupação foi a primeira realizada no Vale do Rio Doce.

Essas pessoas nasceram e viveram no meio rural. Eram empregados de fazendas ou meeiros (pessoas que dividem a plantação) que um dia perderam o trabalho e, junto com ele, a moradia. Maria Pinheiro da Rocha, 40 anos, moradora do 1º de Junho, trabalhava com sua família como meeira em uma fazenda do Vale do Mucuri. Depois de perderem o lugar, aderiram ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Antes do assentamento, ficaram acampados um ano na beira de uma estrada. "Não tinha o que comer, em tempo das crianças morrerem", conta ela.

José Pavuna, morador do Cachoeirinha, nasceu na antiga Fazenda Califórnia, onde sua família trabalhava. "Minha infância, igual os meus filhos estão passando, eu passei aqui", conta ele. Seus pais foram despedidos, indo trabalhar

em outras terras. Pavuna foi para a cidade e passou a ganhar a vida como atleto, fazendo gaiolas. "Eu sonhava em um dia ter um pedaço de terra que desse para sobreviver", conta.

Três meses depois da ocupação da fazenda, as famílias se dividiram. Segundo Ornelino Nunes Pinheiro, 32 anos, morador do 1º de Junho, "a divisão do assentamento em Cachoeirinha e 1º de Junho aconteceu porque havia divergências quanto aos métodos de organização. Alguns tinham uma doutrina e seguiam o MST e outros não".

Cachoeirinha

As 33 famílias do assentamento Cachoeirinha já produzem em seus 403 hectares arroz, feijão, milho e mandioca, entre outros produtos. A terra foi dividida em lotes individuais, todos com acesso ao Rio Doce, mas a compra de insumos agrícolas e suprimentos e a venda da produção são feitas em associação. José Pavuna, líder natural da comunidade, disse que hoje eles já se sustentam, mas nem sempre foi assim. "Entramos aqui sem nada, não tinha nem meia semente", lembra.

No período de quatro anos, o Inbra deu para cada família R\$ 2.840,00 em forma de créditos rurais. O objetivo era viabilizar a implantação do assentamento mas, de acordo com os moradores do Cachoeirinha, o dinheiro demorou muito e nunca chegou "na hora certa".

A grande ajuda veio do padre Antônio Amori, 63 anos, pároco de Tumiritinga, que conseguiu recursos doados por uma comunidade católica europeia. Com essa colaboração, o assentamento Cachoeirinha já possui um trator e um sistema de irrigação. A energia elétrica só chegou em fevereiro desse ano.

Esperança acampa na

Fazenda Califórnia

Cento e cinquenta famílias de sem-terra, num total de mais de 500 pessoas, invadiram a Fazenda Califórnia, em Tumiritinga, e afirmam que não deixam mais o local até que o problema da distribuição das terras seja resolvido. A Fazenda Califórnia foi desapropriada em 88 para o assentamento dessas famílias, mas até agora nenhuma medida concreta foi tomada pelas autoridades.

Os invasores, que estiveram acampados às margens da BR-116 (Rio-Bahia), vieram de Caral, Itaipé e Turumirim, e, apesar de doentes e passando muitas dificuldades, esperam uma decisão sobre a Fazenda Califórnia há mais de cinco anos. Agora, mesmo sem barracas para se alojar, dizem que vão começar a plantar e carregam faixas com frases pedindo a reforma agrária.

(Página 7)

Este de Minas



Os sem-terra estão acampados na Fazenda Califórnia esperando decisão da Justiça

30 Março 94
O julgamento do dia 05 Novembro de 93
esta publicada hoje no diário Oficial da União.

02 maio 94
Mário Passarella vem nos visitar e depois dele
Mário Heleno de e os visitantes do Incra que
vieram cadastrar as 96 famílias acampadas
na Colônia ~~de~~ ficaram impressionados
com nossas Rogas des falaram que precisamos
constituir casas e morar na terra para realmente
conquistar a terra.

Também a renova a diretoria da
associação. A outra chapa estava incompleta pois
o Ronaldo não tinha conseguido montar a
chapa de oposição.

03 junho 94
Missão no nosso acampamento também
uma festinha com muita Batata e milho verde
assado.

15 junho 94
Nossa primeira colheita de feijão mais ou
menos 32x kg de feijão.

18 junho 94
Segunda colheita de feijão 100 sacos
Também nesta semana o Pavuna,
Edmilson e Angelino vem a BH na
sede do Incra a ser cadastrados converso
com Elyse e Elyse com a proposta
de que também seríamos cadastrados.

26 junho 94
Mas colheita de feijão 75 sacos com
a plantação de 12 Hec com a média
de 1.020 kg por Hec batemos o "Record" 70
vale Rio de Janeiro somos manchete de Minas.
fazenda desapropriada colhe Record de feijão
em 12 Hec.

03 Agosto 94
Acontece o maior desapontamento dos
sem terra de Tumucitinga pois o Incra
disse que não vai mais cadastrar ninguém
e uma decepção a primeira estante pois
uns 10 dias antes tinhamos reunidos com a



Colheita de arroz. Cachoeirinha (1994).



do
as
or
nos
plas
gar
hou
me
las
a
a
a
sa
ng
elie
suel
a
pra
a

A primeira plantação nós colhemos em média 22 sacos de 60 quilos por hectare. Um record de produção na nossa região.

Empolgados com o resultado partimos para segunda planta e também foi sucesso, pois a terra estava descansada; ela respondia em milhão por mil os que nos plantávamos.

Em 1994 fizemos 2 ótimas colheitas de feijão, chegando a despertar até uma proposta de venda de feijão para Itália, através de amigos de lá. Não foi possível concretizar a venda porque nós não conseguimos produzir o suficiente para encher um container e não podia levá-lo pela metade; como também não podia comprar de outros produtores, já que nosso feijão era limpo, sem agrotóxico.

Isso não foi problema, pois o mercado local nos comprou tudo e a nossa mesa também ficou cheia. Imagina uma família poder levar para sua casa até 12 sacos de feijão com 60 quilos... e que nós tínhamos uma forma também de armazenar. Mas naquele momento vendemos o excedente e guardamos a semente pro próximo plantio, que seria no ano seguinte, em 1995.

Decidimos em reunião que precisávamos plantar arroz, pois feijão nós tínhamos. Então começamos a discutir o primeiro projeto a ser realizado no acampamento (hoje Cachoeirinha/Assentamento) que tinha o nome de: "Mesa farta e vida digna".

Mesa forte consistia em colocar alimento de primeira necessidade sobre a mesa para as famílias sobreviverem sem precisar da ajuda de outros ou doações de entidades. Então começamos a ver que não era só arroz, feijão, milho, que era o alimento necessário para ser 'auto-sustentável'. Precisavam de muitas outras coisas, frutas, legumes, hortaliças, carne, leite; garantindo assim qualidade de vida aos acampados. Isso era um grande desafio, pois não tinha mudas de nada aqui para ser multiplicado. Começa ali uma verdadeira maratona pela busca de semente e mudas; e até de pequenos animais melhorando geneticamente para os futuros assentados de Reforma Agrária em Tumiritinga.

Fizemos algumas viagens para buscar mudas de banana, coco, mandioca, batata, e cana, abacaxi, caju e muitas outras frutas; e cereais, como resgatar um milho crioulo que até hoje se planta aqui no Cachoeirinha, o 'caiano'.

Os animais, fomos no Espírito Santo buscar, em uma Escola Família Agrícola lá em Boa Esperança; onde o coordenador era um colega de faculdade do Edson.

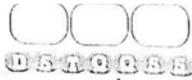
Num fim de semana eu e Edson pegamos um saveiro e fomos até lá; trouxemos um filhote de porco 'sorocaba'; um cabrito 'pardo alpina putovanja'; raça de galinhas caipiras melhoradas; algumas espécies de árvores para ajudar a gente a controlar as pragas; e também madeira para podermos usar no futuro, exemplo o 'nim indiano' para tratamento do gado e pequenos animais. Também algumas frutíferas que nós não tínhamos aqui, como graviola, café, rami e outra planta, além de outras sementes que os agricultores já experimentaram lá.

Naquele ano plantamos arroz, uns 1800 quilos, pois a variedade plantada não perfilhava, ou seja, o grão que plantava era mesmo número de pés, não multiplicava. Isso gastava mais semente para poder plantar um hectare.

Mas ao mesmo tempo tínhamos uma vantagem: esta variedade era precoce, com menos de 100 dias estávamos colhendo. E foi uma ótima produção, mais de 800 sacos de 50 quilos cada. Parecia uma festa, a colheita. Entramos na cidade ocupando as calçadas e praças para podermos secar a produção, o povo ficava admirado com o nosso sucesso.

Nosso grupo tinha um respeito pelo que fazíamos, pois tudo que a gente pensava em realizar estava acontecendo. Tínhamos missa a cada 15 dias aqui na roça debaixo de uma árvore que existe até hoje em frente à casa do Edmilson. Às vezes quando chovia fazíamos no barracão as margens do rio. Era uma festa. Lembro de que todas as coletas na hora da missa eram de produtos colhidos nas terras, que depois eram distribuídos na rua para famílias carentes.

Isso para nós era motivo de alegria; saber que já tínhamos o que ofertar; ao mesmo tempo em que realizávamos o projeto da mesa farta nós também desenvolvíamos outro que era vida digna, que consistia em melhorar a infraestrutura da comunidade, da nossa casa.



Mesa feita nos também desenvolver
outro que era vida digna, que consis-
tia em melhorar a infraestrutura
da comunidade da nossa casa.
nos não ficamos aqui no cachoeirão
morando embaixo de uma pais já
tratamos logo de construir barracos
de Tópolos coberto de Telhas algumas
até com telhas de barro pois a nossa
luta já nos era com a justiça e nem
com o proprietário da fazenda nos
sim com o outro grupo que tinhamos
ocupado junto o MST, eles achavam
que nos não poderia ganhar terra pois
tinhamos ocupado lá na cidade
esquecendo que foi nos que convidei
mos pra ocupar junto pois nos nos
tinhamos experencia neste luta con-
já falei no começo desde aquele
então nos sabiamos que aquela era
pra fins de Reforma Agrária e nos estava
fazendo a resposta esperada pela Sociedade
de no sentido de gera alimento e
renda trazendo alegria as famílias que
viviam da roça então podiamos const-
tuir um barraco melhor primeiro
que as nossas famílias também precis-
sava deste conforto, pois lá na roça
tinhamos casa com água, luz, e

MÁXIMA
S. LEMOS

03 DE AGOSTO DE 94

Acontece o maior desapontamento dos sem-terra em Turmiritinga, pois o INCRA disse que não vai mais cadastrar ninguém. É uma decepção ao primeiro instante, pois uns 10 dias antes tínhamos reunido com a direção do INCRA. Nesta ocasião eles tinham garantido que nos cadastraria o mais rápido possível.

06 DE AGOSTO DE 94

Casamento do "Renato e Suely", pequena festa na casa dos noivos.

23 DE AGOSTO DE 94

Ocupação na Fazenda do Ministério, em Governador Valadares, mais de 100 famílias.

Sai uma comissão para reunir com superintendente do INCRA em Belo Horizonte e não conseguem encontrar com Geraldo Resende; para ser esclarecido o porquê não cadastrar as 40 famílias também, que estavam esperando aprovação do projeto de verba de subvenção do deputado estadual Marcos Helênio. Está demorando demais.

03 DE SETEMBRO DE 94

Renato e Suely mudam para roça e 3 dias depois Pavuna e Cida também mudam para Roça; com eles são apenas 4 famílias que moram nas terras.

Nós não ficamos, aqui no Cachoeirinha, morando embaixo de lona, pois já tratamos logo de construir barracos de tijolos, cobertos de telhas. Algumas até com telhas de barro, pois nossa luta já não era só com a justiça e como proprietário da fazenda, mas também com o outro grupo que tínhamos ocupado junto, o MST, para também ocuparmos a fazenda. Eles achavam que nós não poderíamos ganhar terra, pois tínhamos ocupação lá na cidade, esquecendo que fomos nós que convidamos para ocupar juntos; pois nós não tínhamos experiência nesta luta com já falei no começo deste relato.

Então nós sabíamos que a terra era para fins de Reforma Agrária e nós estávamos dando a resposta esperada pela sociedade no sentido de

gerar alimento e renda, fazendo alegria das famílias que viviam da roça. Então podíamos construir um barraco melhor primeiro, que as nossas famílias também precisavam deste conforto, pois lá na rua tínhamos casa com água, luz e até calçamento na porta; para vir morar na roça sem água potável, luz elétrica, e as estradas muito ruins.

Era um desafio grande; “por isso o tema ‘vida digna”, que tinha objetivo de melhorar a vida de nossas famílias através de ações nossas e da comunidade e poder local.

Para isso começamos a preparar aonde seria a estrada e como fazê-la. Como a prefeitura não apoiava tínhamos que fazer no braço e assim foi feito. Marcamos a estrada e começamos com enxada e pás, carroça; e rapidinho estávamos passando tranquilo por nossas roças até as nossas barracas, hoje casas.

Construímos também vários poços semi-artesianos e fossas pro banheiro, muitos dentro do próprio barraco; uma forma de conforto para família. Também fomos ao prefeito pedindo que pegasse nossas crianças para escolas com os carros da prefeitura.

Naquele momento tivemos muita ajuda da comunidade, com telhas velhas, algumas madeiras; mas também de igrejas, não só a Católica como também a igreja Metodista, na pessoa do meu amigo pastor Davi, lá de Goval. Ele nos doou muitas telhas Eternit para podermos tampar nossos barracos.

O companheiro de todas as horas, o Pe. Antônio, também doou muitas telhas; às vezes, cimento, madeira e, assim, foi feito. Todos tinham onde esconder da chuva e do sol. Com segurança. As construções eram feitas em mutirão; alguns pedreiros e muitos ajudantes; mas aqui todo mundo era de muito valor e isso fez a diferença na vida de nossa comunidade. Até hoje muito serviço comunitário acontece.

Assim temos uma área comunitária e lá se reúne e se constrói em mutirão sempre. Isso para nós é que faz a diferença com relação a tudo isso.

Nós também tínhamos um trabalho de sustentabilidade para ter vida digna, que consistia em buscar viver da produção da terra. Esse era o maior desafio; pensando assim plantamos uma roça de quiabo, uns 12 quilos de semente. Isto mais ou menos uns 11 hectares. De quiabo. Como também precisava alimentar nossas famílias, plantamos 180 quilos de feijão em consórcio com o quiabo. Isso poderia gerar mais algum dinheiro para nossas famílias e deu certo. Colhemos o feijão e depois a cada 3 dias colhíamos o quiabo.

No começo, a caixa de quiabo com 20 quilos era comercializada a 5,00 cinco reais; era até um bom preço, mas isso durou pouco, nem um mês com este preço; ele voltou para três reais a cx. Isso era muito ruim, então ficou pior: ele foi para 2,00 reais. Então decidimos cortá-lo. Como éramos marinho de 1ª viagem em se tratando de hortaliças, menos de 15 dias depois o quiabo estava a 10,00 reais a cx. E chegou a 15,00 reais a cx. Como lamentamos esta perda, mas continuamos a insistir com o quiabo em outro plantio. Trabalhamos naquele ano com 2 plantios de quiabo.

16 DE SETEMBRO DE 94

Estamos esperando as chuvas com as terras todas prontas; nestes dias o calor estava em 45º ao sol.

01 DE OUTUBRO DE 94

Rio Doce abaixa como nunca por causa das estiagens bem prolongadas.

Também acontecem as eleições no país; acontece aqui em Tumiritinga; um deputado estadual do PT faz aliança com o PMDB. Marcos Helênio aliança com Ronaldo Perim. Com isso Marcos Helênio conseguiu 362 votos.

Enquanto nós trabalhamos para o Padilha e Fassarela, sendo que Padilha teve 75 votos e Fassarela 60 votos, só os nossos. Pois o outro acampamento não votou conosco (neles).

01 DE NOVEMBRO DE 94

O grupo STUT (Sem-terra unidos de Tumiritinga) passa por uma crise interna, pois há muita fofoca. Sentamos e colocamos os nossos problemas na mesa e discutimos até achar a solução para os mesmos.

03 DE NOVEMBRO DE 94

Pavuna e Renato e Padre Antônio, vão até BH participar de uma reunião com as entidades que nos apoiaram – CUT, CPT, FETAEMG; e o MST, a fim que nos apoiassem, pois não somos cadastrados ainda pelo INCRA. Acontece a reunião, mas o MST não apareceu para discutir o porquê do racha com Associação ou STUT.

19 DE NOVEMBRO DE 94

Tínhamos contratado um trator em Conselheiro Pena para preparar as terras onde plantaríamos até o dia 19/11.

Começa chover. Com intensidade e prolonga até dia 23 de novembro.

27 DE NOVEMBRO DE 94

Temos um grande encontro no acampamento com a presença de nossas lideranças e também de todas as entidades como CPT, CUT, FETAEMG. Todos com um só espírito: o acordo entre todos acampados na Fazenda Califórnia; mas é tudo em vão, pois foi um fracasso; fomos desconsiderados.

24 DE DEZEMBRO DE 94

Véspera de natal, chuvas estão bem fortes. Muita lama para chegar à cidade; principalmente no início da cidade, trecho da ponte do córrego Capivara à escola, atoleiro de carro.

JANEIRO DE 95

Não temos mais chuvas e nessas roças estão sentindo falta da chuva; pois há mais de um mês que não chove.

28 DE JANEIRO DE 95

Chove forte, mas nosso milho já sentiu bastante e não recupera.

02 DE FEVEREIRO DE 95

Encontro no galpão com Wellington, na tentativa de reunir e salvar o grupo. 18 dos 28 participam e chegamos a um final com acordo aceito por todos; o motivo é a vinda para morar definitivamente na roça.

MARÇO DE 95

Não temos mais chuvas e a roça onde não foi irrigada perde 80%, embora quem tenha feito cobertura, plantado na palhada, mostrou seu resultado com produção menos sentida. Garantindo assim sua colheita de milho.*

* Palhada = cobertura morta

31 DE MARÇO DE 95

Marcos Helênio vem falando sobre “nosso pessoal do MST” e seu relacionamento também com o MST; sobre algumas conversas que o deputado estaria apadrinhado o pessoal do MST. Teve doação de R\$7000,00 do Marcos Helênio; mais 21.000 de doação de outros deputados. Enquanto nós, do STUT, só obtivemos os 1.200 reais. Também foi feito um abaixo-assinado pela câmara de vereadores de Tumiritinga, com claro pedido de nosso cadastramento ao INCRA.

04 DE ABRIL DE 95

Nasce Lucas Antônio, muito sufoco e esperança. Somos agora 5 na minha família; graças a Deus não tivemos que pagar nada de hospital; foi a maior a sorte o médico que fez pré-natal estar de plantão no dia que Aparecida passou mal.

11 DE ABRIL DE 95

D^a Rosana, funcionária do INCRA, vem nos visitar sondando o ambiente. Quer saber se se criaria um clima ameaçador ou difícil com o pessoal do MST se nós, as 30 famílias lideradas pela Associação, fossem cadastradas. Nós a garantimos que nada disso aconteceria, pois temos uma relação pacífica com o MST.

14 DE ABRIL DE 95

Participação em massa do acampados STUT na via-sacra; montada pela nossa comunidade, realizada nas ruas das cidades com o tema: GRAÇAS A TI SENHOR!

07 DE MAIO DE 95

Padre Antônio vem celebrar uma missa na terra prometida e fazemos um monumento de pedras e ao redor é celebrado uma aliança de irmão: aquele que carregou sua pedra e a colocou no monumento não mais pode voltar atrás com aquilo que prometeu de não desanimar jamais, lutar sempre; pois Deus está do nosso lado. Como sempre estive com aquele povo do Egito. Assim a história se repete hoje conosco.

14 Abril 95

Participação em massa de acampados
Stut na via-sacra montada pela nossa
comunidade a ser realizada nas ruas das
cidades com o tema - Grças fi Senhor!..

07 Maio 95

Padre Antonio vem celebrar uma missa
na terra prometida e fazemos um monumento
de pedras ao redor e celebrado uma aliança
de irmãos aquele que carregou sua pedra e acabou
no monumento não mais pode voltar atrás com
aquilo que prometeu de não desanimar jamais lutar
sempre pois Deus está do nosso lado. Como esteve
com aquele povo do Egito. Assim a História se repete
hoje conosco.

17 maio 95

Dia de alegria pro sem terra unidos do T/2
Stut. Pois o ~~Senhor~~ vem até nós para nos
cadastrar. Somos mais de 30 que estamos reinin-
dicando o cadastramento. As pessoas que nunca
participaram do nosso grupo vem pra s.r.
cadastrados e as funcionárias do Inera
diz que pode ser cadastradas pois é um
direito delas já que plantam na área Califórnia
uma vez cadastrado somos 73 famílias então
nos reunimos e reivindicamos que deste 73.
Somente 36 sejam beneficiados pois os
outros não qualificava como trabalhador Rural
segundo Abaixo Assinab das 36 famílias.

03 Junho 95

Reunimos e decidimos que participaria
do Grito da Terra ~~Brasil~~ aconteceria
no dia 07 iríamos num ônibus mais de
40 trabalhadores.

17 DE MAIO DE 95

Dia de alegria para os sem-terra unidos do STUT. Pois o INCRA vem até nós para nos cadastrar. Somos mais de 30 que estávamos reivindicando cadastramento. As pessoas que nunca participaram do nosso grupo vêm para ser cadastrados e as funcionárias do INCRA dizem que podem ser cadastradas, pois é um direito deles. Já que plantavam na área Califórnia. Uma vez cadastrados somos 73 famílias. Então nos reunimos e reivindicamos que destes 73 somente 36 sejam beneficiados, pois os outros não qualificavam como trabalhador rural, seguindo abaixo assinado das 36 famílias.



Edson Soares (Repolho) acompanhando cadastro dos acampados do STUT (1995).



Cadastramento dos acampados - STUT. Maio de 1995.

Cadastro do Inca. Dora e Rosane (1995).



Reunião com funcionários do Inca no dia do cadastramento.

03 DE JUNHO DE 95

Reunimos e decidimos que participaria do “grito da terra Brasil” em BH, que aconteceria no dia 07; iríamos num ônibus mais de 40 trabalhadores.

07 DE JUNHO DE 95

Acontece o grito da terra.

As 4 horas da madrugada somos barrados no posto policial, depois de João Monlevade. Somos então 18 ônibus do leste e oeste, sudeste e norte do estado. Então temos acompanhamento; ou melhor, escoltados pelo aparato policial até o INCRA estadual. Chegamos lá, estava um verdadeiro aparato policial; era soldado com bomba de gás, escopeta, metralhadoras, fuzil, cachorro e muito porrete; este era o quadro que encontramos em frente o INCRA.

A parte que tínhamos de negociar só foi possível negociar 40%, pois nós tínhamos programado ocupar o INCRA. Como tinha vazado a nossa caravana, então nós somos obrigados a ficar na Afonso Pena; dormimos no relento. Somos mais de 2.000 pessoas trabalhadores e liderança sindical como também vários agentes. Ficamos 02 dias em frente do INCRA para sair com pauta, mais ou menos 40% negociada; não saímos muito vitoriosos, mas também não perdemos.

Pois mais importante foi mostrar ao poder público que nós estamos unidos e sabemos organizar; quando é preciso fazemos o nosso protesto contra esta política safada que nosso estado vive. Somos um pequeno grupo que tem cara e coragem para no futuro mudar a cara do Brasil.

10 DE JUNHO DE 95

Reunimos para discutir mais uma vez o preço dos nossos produtos, principalmente o quiabo, pois tínhamos plantado 10 quilos de sementes e o preço não valia nada; pois uma caixa de 15 quilos valia 200 reais enquanto o dia do trabalhador era de 4 reais. Mas nós não podemos mais voltar atrás, pois tínhamos plantado e tínhamos que colher.

05 DE JULHO DE 95

Melhora o preço pago, agora 5,00 reais por caixa; já não era desesperador, estávamos animados.

01 DE AGOSTO DE 95

Assembléia da CPT em Goiânia. Pavuna participa junto com 140 trabalhadores de todo país, sobre os temas: Terra Mística, Frente ao projeto exclusão. Lá conheci Dom Pedro Casaldáliga.



10 DE AGOSTO DE 95

Nada de chuva. Nós tínhamos conseguido encanar água de nascente existente na parte de cima da nossa terra, e a Vale do Rio Doce deixa nós passarmos com o carro debaixo da linha férrea; já tínhamos construído uma caixa de ferro com cimento de mais ou menos 500 litros de água. Todas as famílias que moravam na parte de cima da nossa terra têm água, agora encanada, com mangueira; que somava 1.300 metros. 1.300 comprada com a ajuda dos solidários da Europa.

25 DE AGOSTO DE 95

O nosso povo sofre a maior dor, pois por uma causa sem lógica, Pedro Lourenço mata Geraldo com 3 tiros. Porque o Geraldo quis tirar água da mesma mina que os espanhóis usam para dar aos porcos, já que a concessão de uma fonte existe na fazenda Califórnia. No entanto, a granja do espanhol está do outro lado da linha férrea-CVRD. Mas Pedro não quis dividir aquilo que nem deles eram. E de caso pensado foi a mina na tarde do dia 25 agosto por volta das 5h30 horas da tarde e dá 5 tiros em Geraldo; este ainda tenta correr mas toma um tiro na perna direita, outro no braço esquerdo e quando cai recebe outro tiro a queima roupa, atrás do ouvido esquerdo, e morre na hora; deixando uma mulher de 18 anos grávida de 6 meses e um menino deficiente de 2 anos e uma menina de 1 ano.

Situação triste e de revolta por parte dos trabalhadores. Fizemos todas as formas de denúncia e publicidade do assassinato do trabalhador rural, mas as autoridades não encontraram o assassino de flagrante e não houve prisão.

28 DE AGOSTO DE 95

O assassino se apresenta em Conselheiro Pena, junto com o advogado da prefeitura, Valdécio; e diz que agiu em legítima defesa, depois que Geraldo agrediu ele com uma pedrada e ele deu um tiro, que o Geraldo deu outra pedrada e ele perdeu a cabeça e deu mais tiros como descrevemos.

31 DE AGOSTO DE 95

Aniversário do melhor e maior amigo, companheiro Padre Antônio. Nós o convidamos, e nós, todos os trabalhadores fizemos uma festinha para comemorar; cada família leva um prato de comida com frango até a casa do Pavuna, pois lá já tinha 2 leitoas assadas e os companheiros esperavam padre Antônio. Quando este chegou foi aquela alegria e felicidade. Estávamos contentes por celebrar com ele os seus 65 anos. Apareceu até uma cachacinha na última hora; esta coloca muita gente de fogo.

01 DE SETEMBRO DE 95

O Pedro volta a trabalhar na granja como se nada tivesse acontecido entre ele e o Geraldo; pois para alguns matar não é pecado, depende de quem mata. O Geraldo foi um teimoso e o poder mata os teimosos que agem sozinho; por isso precisamos estar unidos cada dia mais para fazer valer nosso direito.

03 DE SETEMBRO DE 95

Procuramos o prefeito querendo que o trator do município arasse mais terra pro grupo STUT. Ele diz que cada um dos 30 trabalhadores fosse procurar o prefeito e pedisse pessoalmente a ele, mostrando a cada dia mais coronelismo que vivemos nessa cidade.

Se fosse de graça o trabalho do trator até que ele podia fazer essa imposição, mas nós estamos pagando óleo diesel para trabalhar.

No entanto, alguns protegidos da cidade tiveram trator liberado para trabalhar para ele a tempo e a hora.

06 DE SETEMBRO DE 95

Pavuna e Renato vão a BH para o grito dos excluídos e negociar a pauta do INCRA estadual; onde ficamos sabendo da seleção das 44 famílias que são beneficiadas com este assentamento. Mas o Geraldo Resende não deu os nomes destes, pois teríamos que aguardar quando fosse liberado o recurso pro crédito alimentação para cada família; não liberou este recurso; portanto, não podia repassar.

10 DE SETEMBRO DE 95

Começamos o planejamento do CAT junto a nós, que estamos esperando para trabalhar. Trouxe as seguintes perguntas: o que queremos produzir? Para que produzir? Fazer o que o que com o que produzimos? Vender? Ou investir em criação? Quais as culturas que temos aqui?

Fizemos uma boa discussão e no final ficamos a ter ainda muitas outras reuniões, para saber e poder mudar um projeto onde todos possam participar e trabalhar; para que seja realmente satisfatório este projeto.

15 DE SETEMBRO DE 95

O prefeito depois de arar um pouco as terras que tínhamos pedido disse que não poderia gradear mais, pois se fosse gradear não daria conta e precisava trabalhar para mais gente; ficamos desapontados: como plantar sem gradear a terra?

17 DE SETEMBRO DE 95

Pavuna procura Betinho Cruz e faz uma proposta a ele; que seria pagamento de 120 quilos de milho na palha, quando colhesse, por hora de trator trabalhada aqui. Depois de acertar toda esta proposta com Betinho, quem estava com o STUT foi concretizada a gradeação da terra; foram muitas horas de trator.

19 DE SETEMBRO DE 95

Padre Antônio viaja para Europa em férias; muita saudade, pois está indo não só o padre Antônio, como também nosso amigo e conselheiro de todas as horas.

24 DE SETEMBRO DE 95

Conseguimos um empréstimo de 1.100 reais para compra de semente e óleo diesel com o padre Antônio, via o CAT. Então o Pavuna compra 950 quilos de arroz 90 dias; aqui mesmo na cidade a preço de 10 reais o saco de 50 quilos.

No dia 08 de outubro de 95 chove, graças a Deus.

As nossas terras estão todas preparadas. O Edson do CAT, um

dia antes tinha trago a semente para ser plantada e também nós tínhamos acertado que a forma de pagamento do empréstimo da semente seria na proporção 3 por 1.

Para quem pegasse 20 quilos de milho de escola (híbrido) pagaria 60 quilos milho que fosse produzido na área.

Plantamos também nas áreas individual totalizando mais 1800 quilos de milho e 800 quilos de arroz; amendoim; 30 quilos de feijão, 3 quilos de semente de abóbora; 300 gramas de semente de girassol; muita batata, cana, banana, muita mandioca, quiabo e melancia. Enfim fizemos a nossa parte já que poucos dias antes tínhamos aprovado um projeto mesa farta que teve o apoio do CAT. Queremos agora fazer fartura e não precisar buscar tudo na rua. Fazem parte desse projeto 27 famílias acampadas na área.

07 DE NOVEMBRO DE 95

Finalmente o INCRA vem trazer o recurso de alimentação; como também ficaremos sabendo por fim quem serão os 44 que beneficiados com a terra e crédito; muita expectativa e angústia por parte dos que aguardam ser falado ou chamado seu nome pela funcionária do INCRA. Depois, no final ainda 2 pessoas não apareceram e ficam 42, sendo muito questionado pelos 30 que ficaram de fora. São 74 e o INCRA peneira e sobra 44.

Estes sim, tinham muito que comemorar, pois depois de altos e baixos desta luta, chegar enfim receber e ser apontado como seu futuro assentado nestas terras. Para quem foi no princípio derrotado e excluído vencemos uma boa batalha
GRAÇAS A DEUS.

Também pensando em vida digna fomos a BH, no INCRA, através de um deputado estadual, Marcos Heleno, para tentar motivar o INCRA a nos cadastrar como agricultores aptos para ocupar e ter um lote da Reforma agrária. Tivemos uma resposta satisfatória com a presença do Deputado, mas quando voltamos e ficamos esperando que o superintendente do INCRA mandasse alguém aqui para nos cadastrar; mas se passou aquele ano

1995, e nada do INCRA vir até nós para reconhecer a nossa condição de possível 'parceleiro', pois nós tínhamos feito o dever de casa direitinho.

Estávamos morando e explorando a terra como os técnicos do INCRA tinham dito. Por que não nos cadastrava e reconhecia nosso potencial de agricultores familiares? Isso era uma agonia. A gente dormia angustiado por não saber o que poderia acontecer conosco no dia seguinte, pois o então superintendente do INCRA, Geraldo Rezende, era muito ruim e ao mesmo tempo era alimentado da briga entre o MST e CPT, FETAEMG entre outros. Em algumas reuniões o ouvi dizer: "você não se entendem, porque eu tenho que entendê-los; volte e entre em acordo, depois vem até mim para ver o que podemos fazer". Isso era comum, ele dizer. Às vezes saía depois desta fala e nós tínhamos que sair também. Houve uma vez que ficamos lá dentro do INCRA um dia todo e não fomos atendidos, eu e Argelino Ventura. No final do dia, a Dr. Agar Pimentel, assessora do Sup. Geraldo Rezende, veio até nós para dizer que o Sup. não poderia nos atender, pois nós éramos 'peixe pequeno'.

Então voltamos para Tumiritinga como se tivesse sido castrado. Era um baixo astral só: o que dizer pro companheiro que estava esperando resposta positiva e que antes tínhamos ido com o Deputado M. Helênio.

Chegando aqui procurei o nosso amigo Pe. Antônio para colocá-lo a par da nossa situação. Ele me ouviu e disse: "vamos ver o que podemos fazer".

Na semana seguinte tinha reunião do Clero Diocesano em Goyal; então nosso amigo colocou a situação em que se encontrava o nosso grupo e também como ele se organizava para estar até ali disputando com o MST e contra o INCRA, pois o mesmo não o reconhecia.

Diante deste fato, todo clero assinou um manifesto pedindo a imediata solução para o problema existente. Não só o clero da Diocese de Goyal, como também da Diocese de Caratinga e também de Itabira. Os bispos da Diocese de Caratinga e Goyal eram irmãos, e o de Itabira muito amigo da CPT de Minas. Isso não tinha como dar errado e não deu. Na semana seguinte a Dr. Rosane Galupe estava aqui em nossa comunidade para saber se cadastrando nosso povo teria algum problema com a turma do MST.

Quando ela veio aqui e começou a ouvir as pessoas que poderiam dar alguma opinião, como Presidente do STR – Renato; coordenador do Polo FETAEMG e Pe. Antônio, e Edson do CAT. Também nós, os acampa-

dos do STUT – hoje Cachoeirinha, colocamos para ela o que sonhávamos e o que estávamos fazendo aqui; as nossas roças falavam por nós e não tinha palavras mais verdadeiras que elas.

Então a Dr. Rosane Galupe disse que voltaria aqui para nos cadastrar e também ter acesso a esta terra. Isso para nós, que sempre ouvíamos do INCRA respostas negativas, de que não poderia ser assentado aqui, era uma vitória. Estavam todos em festa. Uns 10 dias depois desta visita, ela, Dr. Rosane, e Dora, estavam aqui para cadastrar todos. Os acampados da baixa não; só os do STUT. Isso frustrou muito nós, pois sempre defendíamos 30 famílias e no final era mais de 70. Algumas nem plantavam, tinha só um barraco e nada plantado; outros nem barraco, só um pequeno quintal com alguma coisa plantada. Isso era uma tristeza, pois eles tinham o mesmo direito que nós. Então depois que fomos cadastrados, e os oportunistas foram embora, nos reunimos com elas em separado. Isso era – Pavuna, Renato, Pe. Antônio, Madalena. Ponderamos que não dava para concordar com esta situação.

Isso destruiu todo o nosso trabalho. Então colocamos os nomes dos que a gente defendia e não abria mão dessas famílias. Isso ficando acertado foi a vez da funcionária do INCRA se defender, dizendo que era normal aquele procedimento, pois o órgão tinha uma forma de selecionar cada nome através de um programa chamado SIPA. Era mais ou menos uma peneira fina.

Então concordamos, mas tinha algumas observações que fizemos: a 1ª era que antes de anunciar a todos quem ficaria nós queríamos ver para poder opinar e 2ª era que não abriríamos mão das 30 famílias do STUT. Então elas foram para BH de novo, voltando em pouco mais de um mês com os contratos pra ser assinados.

Esta era a recompensa para quem tinha sido rejeitado no princípio. Ser cadastrado e com o projeto de ter um pedaço de terra para poder morar, trabalhar, criar seus filhos e viver do próprio trabalho, era um sonho realizado; realmente um milagre acontecendo com o Povo de Deus aqui e agora. As orações foram ouvidas.

Então tinha ainda algumas picuinhas para ser resolvidas, pois o INCRA tinha selecionado 44 famílias e nós não aceitamos. Pedimos para ver quais eram as 14 que não pertenciam ao nosso grupo STUT. Depois de muita discussão e proposta chegamos a aprovar mais 03 famílias, chegando a 33 famílias existentes hoje aqui.

Um fato que não poderá ficar sem ser lembrado, é que no dia da assinatura do contrato a Dr. Rosane Galupi veio com Dr. Agar Pimentel, a mesma que meses atrás tinha dito que éramos peixe pequeno, prá mim e pro Argelino lá na sala de espera do Sup. Geraldo Resende. Eu não pude me conter e disse para ela que peixe pequeno também morde e nós estávamos mordendo ali naquele momento. Ela se desculpou, mas eu re-truquei que se viver 200 anos vou lembrar este fato; e não vou esquecer, pois fui muito humilhado; mas tudo bem, vida continua.

Somos agora parceiros do INCRA para poder explorar um pedaço de terra. Tendo já assinado todos os contratos começamos a comemorar ali.

Fizemos uma grande fogueira, trouxemos um carro de som e o forró rolou pela noite adentro. Apareceu carne, cachaça, batata, foguete e muita alegria. Era festa.

Então nós tínhamos vencido a opinião de quem pensava que não teríamos terra aqui na Califórnia. Agora era outra realidade, estar no páreo e de igual posição.

Não tínhamos medo de trabalho. Estávamos dispostos a vencer mais outras lutas. Agora já não era para ganhar a terra, mas sobreviver nela. Isso estávamos aprendendo e tendo sucesso.

Já tínhamos naquele momento mais de 150 cabeças de gado, entre grande e pequeno; 06 carroças e trator com vários equipamentos; e um projeto a ser construído que envolvia toda comunidade.

Agora, mais que nunca, tinha algumas decisões a serem tomadas, algumas muito radicais. Isso era um grande desafio. (...)

Começava ali uma nova luta. Essa história ainda vou contar.

ANEXOS

03 Junho 93

Timiritinga Minas Gerais

José Pavuna neto Pres. Associação em Defesa dos Pequenos em Multidão. Assumimos uma luta pelas famílias trabalhadoras rurais dessa cidade aqui quero relatar um pouco de toda esta luta que fazemos eu e todos os meus companheiros. Todos nos contamos com o Apoio e Força do Amigo e Senador Antônio Arraut que esta presente em todas os momentos de dificuldade e desapego dessa luta. Pela Terra, luta pela vida em busca de uma reforma Agrária justa fraterna e abrangente somos mais de 150 famílias ocupando a fazenda californiana - fazenda que se encontra desapropriada desde Junho de 1988 sendo ocupada por um especulador latifundiário o Sr. João Façó Peixoto de Melo dono de mais 4 fazendas no Vale do Rio Doce que comprou aqui uma briga com o povo e com Serra, pois quando comprou a fazenda ja estava desapropriada para fins de Reforma Agrária entao nos no dia 3º junho de 1993 as 04 horas da madrugada ocupamos estas terras.

Reforma Agrária

1º Junho - 93

2º Dia Histórico para o povo de Timiritinga Mas de 150 famílias ocupa fazenda Palibérica, 5ª de Timiritinga estamos de união. Unidos e apoio de toda população de nossa cidade junto com todas entidades principalmente a Associação em Defesa dos Pequenos em Multidão. Tempo de desafio principalmente por parte da elite de Timiritinga assim conta com os militares e o George gerente da então fazenda, este queria me ver só o esqueleto tudo se deu num clima de tensão fomos ao FORUM nos dias 5 Junho audiência com Juiz Barreira, só que nós ganhamos a batalha na justiça pois o Forum ao local não podia julgar pois era de competência federal teria que ser julgado em B.H. Pedimos apoio ao ministro Alvaro Augusto e tivemos resposta positiva. Voltamos ao acampamento cheios de alegria pois tinhamos esperança que não seríamos despejados como tal

24 Setembro 95

Conseguimos um empréstimo de 1100 reais para compra de semente e óleo diesel com o padre Antonio via o Cat. Então o Pavuna compra 950 kilos de arroz 90 dias aqui mesmo na cidade a preço de 30 reais o saco de 50 kilos.

No dia 08 outubro 95 fizemos boas sementes nas nossas terras e já estão preparadas. O Edson do Cat um dia antes tinha trazido a semente para ser plantada e também nos tínhamos acertado que a forma de pagamento do empréstimo da semente seria na proporção 3 por 1 para quem pagasse 20 kilos milho e escalas fosse pagaria 60 kilos milho que fosse produzido na área.

Plantamos também nas áreas individuais totalizando mais 1800 kilos de milho e 800 kilos de ARROZ, Amedoin, 30 kilos feijão, 300 kilos abóbora, 500 gramas girassol, 10 kilos muita batata, canoa, banana, muita mandioca, quiabo e melancia. Em fim ficamos na nossa parte já que poucos dias antes tínhamos assinado um projeto Mesa Farta que teve apoio do Cat queremos agora fazer factura e não precisar buscar tudo da rua. Fazem parte deste projeto 27 famílias acampadas na área.

07 Novembro 95

Finalmente o Inca vem trazer o recurso de Alimentação como também ficaremos sabendo por fim quem serão os lq que beneficiará a terra e crédito muita expectativa e angústia por parte dos que aguardam ser feitos ou chamados seu nome pela funcionária do Inca depois no final ainda 2 pessoas não aparecer e ficar 42 sendo muito questionado por 30 que ficaram de fora são 74 e o Inca pensou e sobrou lq este sim tinha muita a comemorar pois depois de muito altos e baixos desta luta chegar em fim receber a ser apontado com seu futuro assentado nestas terras. Para quem foi no principio derrotado a crédito vencemos uma boa batalha. Graças A DEUS.

de Tumiritinga em março de 1993
Como a sede da associação era grande
conbinamos que também seria a sede do
STR no mesmo local. Com o STR já implanta-
do os sonhos também renovado pois a
equipe do STR que resgatamos tinha u-
sta de mais de 60 agricultores que antes
eram meeiros na fazenda californiana que
aquele momento a atual. administração
fazia de modo exploratório as parcerias com
os agricultores pois os mesmos antes de
planta o milho única roça que poderiam fazer
linha que semeava a semente de Braguiriana
e depois poderiam planta o milho e ainda
um poderia capinar o que produzissem
em competição com o capim eram divididos
2% com o proprietário. Com este tipo de
exploração estes estavam formando a fazenda
um pouco custo, pois os agricultores
na linha outra opção de plantio era
obrigada a fazer 150 por continuar na atividade
-osa antes em parceria com o antigo
no o sr. José Palota Diniz a forma de
parceria era bem diferente. Ele arava as
roças e dava a semente se o agricultor
nessa condição de compra outra semente
de milho o Palota dava se o agricultor
quisesse e quisesse planta feijão consorciado
com o milho o mesmo se dava

Folha avulsa do caderno original de José Pavuna.

OOO
DST0055

a metade do milho pois o feijão era só deite. Se fosse semente de arroz e ele colocassem alguma fita de milho este só daria a meia do arroz. O milho era só deite adem e claro de mesmo agricultor poder da os tratos como capinar e pode cuidar pra roça pois a mesma seria roça novamente e na pasta com a nova proprietario queria e fazia isso era uma situação muito ruim pois a mesma em 1987 tinha sido decretada pra reforma agraria pelo então presidente da república José Sarney mas o processo desapropriação estava nas gavetas do governo e o povo ~~era~~ nada podia fazer ja que a população local não tinha quem a defendia ai o grande desafio da nova liderança que tinha acabado de construir uma associação de consumidores unica no vale e tambem do sindicato era um momento de muita ansiedade e esperança. Começava ali um das batalha mais forte que tivemos em tumiritinga e região - ja que o Vale Rio Doce era o berço da UDR União Ruralista um

Folha avulsa do caderno original de José Pavuna.

Governador Valadares, 21 de agosto de 1993

Companheiros e companheiras que vem de todos os lados, solidários aos romeiros referentes as lutas da terra mais produtivas do nosso vale, quero nessas poucas linhas deixar meu abraço cordial e fraterno.

Que [do] leito meu no hospital e em comunhão com meu Pai, estou participando com vocês nesta caminhada.

Agora reconheço que ninguém é insubstituível. Mas gostaria de estar aí com vocês.

A todos vocês da CPT e a todos que acreditam em Deus. Sabe que Moisés não pisou na Terra prometida, sei que fui mais longe, pisei na [terra] prometida. Alegrei com os que ali se alegre, e chorei com os que ali choraram. Fico com as palavras que o Senhor falou a Josué, você passar o povo além do Jordão, conquistou Jericó e muitas outras nações, mas na sua velhice, perante seus companheiros de lutas incansáveis diz, combatemos os filisteus e tantas perigosas nações; Jericó veio ao chão, muita terra foi conquistada. Não podemos parar para contar vitórias e nem derrota, pois a muita terra pra ser conquistada... Que a nossa união pela fé faça crescer a CPT do vale do rio Doce e os movimentos de modo em geral.

Carta do Joaquim Nicolau aos romeiros de Tumiritinga - 1993



Joaquim Nicolau da Silva

Joaquim Nicolau da Silva foi importante liderança dos movimentos sociais em Governador Valadares. Ajudou a organizar vários sindicatos de trabalhadores na região, além do Partido dos Trabalhadores; apoiava fortemente a luta pela Reforma Agrária.



Edson José Soares

Também chamado de Repolho (ou Dumdum) por seus amigos, Edson foi engenheiro agrônomo, coordenador do Centro Agroecológico Tamanduá; amigo e compadre do Pavuna; e apoiador de primeira hora do Assentamento Cachoeirinha.



Pavuna e Pe. Antônio Amort

Fotografia registrada em 31 de agosto de 2019, em Governador Valadares. Aniversário de 86 anos do Pe. Antônio (85 anos).



Pe. Antônio e o monumento de pedras

Celebração de missa no dia 07 de maio de 1995 pelo Padre Antônio.

Os acampados fizeram um monumento de pedras para simbolizar uma aliança entre eles: “aquele que carregou sua pedra e a colocou no monumento não mais poderia voltar atrás com aquilo que prometeu de não desanimar jamais, lutar sempre; pois Deus estaria a seu lado”.

José Pavuna Neto é camponês, artesão e liderança muito respeitada pelos companheiros e pelos movimentos sociais e populares do Vale do Rio Doce. Sua principal marca são os compromissos com a justiça e a verdade, expressas em falas sempre francas, críticas e muito bem fundamentadas. Pavuna compreende a luta pela reforma agrária como uma caminhada Rumo à Terra Prometida. Nesse diário escrito entre 1993 e 1995 e retomado em 2013, Pavuna registrou essa história de fé e de luta para conquistar o direito à terra, com relatos cuidadosos e apontamento críticos, que vão da ocupação da fazenda Califórnia até a instalação do assentamento Cachoeirinha. A oportunidade de sua publicação enriquece a história da formação histórica do Vale do Rio Doce.

Prof. Haruf Salmen Espindola
Mestrado GIT/Univale

APOIO:

